

A INFLUENZA “HESPANHOLA” NO JORNAL DO RECIFE DE SETEMBRO A NOVEMBRO DE 1918¹

The “hespanhola” influenza in the Jornal do Recife from september to november 1918

Mariane Gomes Pereira de Andrade²
Orientação: Prof. Dr. Bruno Kawai Souto Maior de Melo³

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo investigar o papel do *Jornal do Recife* frente a epidemia de gripe espanhola de 1918. Partindo da compreensão da doença como um problema social e da importância da fonte periódica na pesquisa histórica, se buscou analisar o noticiário produzido durante a passagem da gripe, de forma crítica, pensando a relação com o poder público, com as autoridades médicas e com a população, nesse âmbito. Esse jornal foi escolhido por ter 79 anos de circulação, com um destaque importante ao fenômeno, e não surgir nas pesquisas que se produziu sobre o evento epidêmico, até o momento. Sendo assim, foi necessário entender o contexto de Recife e do Brasil no momento que irrompeu a epidemia, e também abarcar a inserção do diário na história da imprensa e no momento histórico discutido. Para atingir o resultado, foi utilizado, além de o referido jornal, também o *Diario de Pernambuco*, o Relatório do Diretor de Higiene Octávio de Freitas, a respeito do fenômeno, e as produções bibliográficas, consoante a temática trabalhada. Ademais, se percebeu que o jornal, enquanto oposição ao governo vigente, não minimizou o fenômeno e expôs as adversidades durante sua passagem.

Palavras-chave: Epidemia de gripe espanhola. Jornal do Recife. Saúde.

ABSTRACT

This article aims to investigate the role of the *Jornal do Recife* in the face of the 1918 Spanish flu epidemic. Starting from the understanding of the disease as a social problem and the importance of the periodical source in historical research, we sought to analyze the news produced during the passage of flu, critically, thinking about the relationship with public authorities, medical authorities and the population, in this context. This newspaper was chosen because it has been in circulation for 79 years, with an important focus on the phenomenon, and does not appear in the research that has been carried out on the epidemic event to date. Therefore, it was necessary to understand the context of Recife and Brazil when the epidemic broke out. And also encompass the insertion of the diary in the history of the press and the historical moment discussed. To achieve the result, in addition to the aforementioned newspaper, the *Diario de Pernambuco*, the Report by the Director of Hygiene Octávio de Freitas, regarding the phenomenon, and bibliographical productions, depending on

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História (Licenciatura) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Bruno Kawai Souto Maior de Melo, Prof. M.Sc. Alexandre Caetano da Silva, Prof. Dr. José Marcelo Marques Ferreira Filho, na seguinte data: 17 de julho de 2024.

² Graduando em História (Licenciatura) na UFPE.

³ Professor do Curso de História da UFPE.

the theme worked, were used. Furthermore, it was noticed that the newspaper, as an opposition to the current government, did not minimize the phenomenon and exposed the adversities during its passage.

Keywords: Spanish Flu Epidemic. Jornal do Recife. Health.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de 1918, muito embora tenha tido grande impacto em escala mundial e as características de um “espetáculo de horror”, foi por muito tempo um tema esquecido. Segundo o historiador Alfred Crosby (2003), não deixou grandes marcas na memória das sociedades que afetou. Como explicação, há a simultaneidade da doença com a Primeira Guerra, a qual era vista como um acontecimento maior para os norte-americanos. Também a morte havia se tornado familiar, as características epidemiológicas da enfermidade contribuíram com o esquecimento, posto que chegou, avançou rápido, floresceu e desapareceu, causando efeitos efêmeros na economia.

A “hespanhola”, como ficou conhecida, até hoje, tem origem indefinida e, devido à censura imposta pelos países envolvidos durante a guerra, não há muitos registros do evento nesses locais. Apesar disso, John Barry (2020, p. 185), situou seu início nos Estados Unidos, no Condado de Haskell, sendo levada pelos soldados para o campo Furston, no Kansas, atingindo outras bases militares e a população civil, conseqüentemente. Dessa forma, teria se espalhado principalmente por causa da movimentação em torno da guerra. Sua expansão posterior poderia ser explicada pelo deslocamento de pessoas em viagens ou pelo transporte internacional de mercadorias (Schwarcz; Starling, 2020, p. 41). Desse modo, apresentou-se em três ondas, sendo a segunda a mais severa de todas, cuja incidência se tornou mundial. Essa teria começado em agosto, e o historiador Bertolli Filho (2003, p. 71) atesta que, até o final de novembro, todo o mundo já estava em contato com a doença – exceto a Austrália, que só foi atingida, de fato, em 1919, pois possuía um rígido controle sanitário.

Estimou-se, assim, que a moléstia matou 20 milhões de pessoas. Todavia, há pesquisadores que apontam até mais de 50 milhões. O infectologista Ujvary (2012, p. 151) afirmou que, somente nos Estados Unidos foram computados meio milhão de mortes e, na Índia, cinco milhões. No caso do Brasil, o número de óbitos é incerto. É importante pontuar que a gripe não era uma patologia de notificação obrigatória. Então, provavelmente, a mortalidade foi maior. No mundo todo, a letalidade da pandemia chegou ao auge em outubro. Ujvary (2003, p. 228) afirmou que todos os estados dos Estados Unidos foram acometidos. A doença, que se alastrou de forma rápida, foi tratada com desdém durante certo tempo. John

Barry (2020, p. 242) afirmou sobre o caso da Filadélfia, que: “os jornais na cidade minimizavam a situação, ainda que noticiassem os óbitos. Na Filadélfia, em dez dias a epidemia explodira. [...] Centenas de milhares de doentes e centenas de mortos por dia”.

No que compete às características do fenômeno, sua gravidade chocou; e, de acordo com Silveira (2005, p. 93), até a década de 30, a doença ainda era um mistério para a medicina. Não havia um consenso sobre o agente causador da enfermidade nem sobre a forma de transmissão e ação no corpo humano. Apenas no final do século XX, alguns cientistas conseguiram recuperar fragmentos pulmonares de soldados americanos e outras pessoas mortas na pandemia. Através de análises, concluíram que fora causada pelo “vírus *influenza* H1N1” (Ujvary, 2012, p. 151).

Sobre a gripe, Bertolli Filho (2003, p. 65) assinalou que é de evolução rápida, transmitida por contato direto e geralmente benigna, podendo assumir características fatais. John Barry (2020, p. 115) a situou como uma doença que atinge o sistema respiratório e se torna mais grave à medida que penetra nos pulmões. Além disso, mesmo uma infecção branda, poderia causar várias dores nos músculos, na cabeça, nas juntas, levando até complicações mais graves. Uma dessas que podemos observar é a pneumonia, que caracteriza-se como uma inflamação nos pulmões.

No que toca a historiografia, as produções acerca dessa pandemia se expandiram após a década de 1980. Na década de 1970, os paradigmas historiográficos assumiram um novo valor com a chamada “Nova História”⁴. Esse, como pontuou Nascimento (2005, p. 26) foi um momento no qual apareceram novos problemas e novos métodos, que renovaram os domínios tradicionais dos modos de fazer história e trouxeram, com isso, novos objetos de estudo, os quais serviram para repensar questões como o corpo, a morte, a sexualidade e a doença. Passou-se então a problematizar as patologias, analisando esses fenômenos para além do biológico e do natural. E, como assinalou o autor, começaram a vê-los como uma manifestação social, que se conecta a diversos elementos culturais, econômicos ou políticos.

Aliado à renovação no âmbito da história da saúde e das doenças, na emergência de novas fontes de pesquisa, os periódicos se apresentaram como úteis. Não eram apenas veículos de informação para a população sobre o que estava acontecendo durante eventos coletivos, como os surtos epidêmicos. Estavam inseridos na realidade político-social, sendo agentes históricos, que estabeleceram seus posicionamentos, trouxeram os diversos debates

⁴ A “Nova História” está associada a chamada Escola dos Annalles, vai contra o “paradigma” tradicional de produção da história, a forma como frequentemente se produziu história.

dos grupos envolvidos e as mudanças ocorridas durante o período, além de terem obtido um certo grau de influência na forma como a doença foi enxergada e nas respostas dadas a essa, pela sociedade. Como Barros (2021, p. 401) pontuou, os jornais são meios de comunicação, que não apenas transmitem informações, mas também comunicam ideias e valores, buscando com isso agir sobre a sociedade, e representam interesses diversos.

Analogamente, existem hoje inúmeros trabalhos sobre a espanhola, inclusive utilizando a imprensa, tanto numa perspectiva geral como mais específicos. Nesse sentido, há na historiografia a respeito do evento no Brasil, no ano de 1918, estudos como *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*, de Cláudio Bertolli Filho, de 1986, enfocando a cidade de São Paulo, na qual conta sua história através da devastação causada pelo flagelo. Nessa dissertação, que posteriormente se tornou um livro, Bertolli Filho parte da história social da saúde, utilizando-se dos conceitos da epidemiologia social para pensar o momento histórico. Dessa maneira, o autor compreendeu que não podia separar a ocorrência da moléstia; do contexto socioeconômico, político e cultural no qual estava inserida.

Concomitantemente, por volta de 1990 e ao longo dos anos 2000, outras pesquisas ampliaram os debates acerca do evento nas diversas capitais do país⁵. No caso de Recife, a dissertação de Alexandre Caetano da Silva, publicada em 2018, foca o fenômeno no campo histórico com a utilização dos jornais e outras fontes. Também trabalhando com jornais, na área de Comunicação, Eduardo Alexandre de Farias publicou, em 2008, uma dissertação analisando os editoriais dos jornais *Diário de Pernambuco*, jornal *A Ordem* e jornal *A Província*, no evento epidêmico do período.

Além dessas e outras análises, a doença voltou ao centro do debate durante a pandemia de covid-19 iniciada no ano de 2020. Em que pese as especificidades de cada momento histórico, o incômodo com o episódio; ocasionou o retorno ao passado, refletido em pesquisas sobre a pandemia de 1918, devido a semelhanças percebidas. E esse “repensar historiográfico” pode ser visto em livros como *A Grande Gripe*, do historiador John Barry e *A Bailarina da morte*, das historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling. Nessa perspectiva, buscou-se nesse artigo problematizar a passagem da epidemia de espanhola na capital

⁵ Trabalhos como o artigo de Nara Azevedo de Brito, em 1997, sobre a epidemia no Rio de Janeiro; a dissertação de Adriana da Costa Goulart, publicada em 2003, também analisando a epidemia no Rio de Janeiro, buscando compreender como os impactos da epidemia levaram a uma reafirmação do papel dos sanitaristas; a dissertação de Liane Maria Bertucci, do ano de 2002 sobre a epidemia em São Paulo, analisando o discurso médico e as práticas de cura que se formaram durante esse período, além do comércio em torno das medicações; o livro de Christine Maria da Cruz, publicado em 2009, em que a mesma buscou abarcar a situação da Bahia, mais especificamente Salvador, entendendo o contexto político e social da cidade; também a dissertação de José Maria de Castro Abreu Júnior, publicada em 2018, analisando a epidemia em Belém, entre outros.

pernambucana, através do *Jornal do Recife*, em diálogo com outras fontes, cujo recorte temporal corresponde ao final de setembro, quando a doença passou a ser noticiada no jornal, até meados de novembro, quando deixa de ser assunto em destaque no periódico.

Posto isto, segundo Martins e Luca (2012, p. 112), até a década de 1970 poucos trabalhos foram produzidos utilizando os jornais para analisar a história do Brasil. A razão é que no final do século XIX e início do XX, ainda havia uma tradição, sobretudo; da Escola Positivista, que buscava sempre a verdade dos fatos, e os jornais, nesse contexto, não eram vistos como possibilidades para a produção historiográfica, pois obtinham apenas registros fragmentários do presente. Além de terem informações distorcidas e subjetivas. Como já citado, a renovação possibilitou a inserção dos impressos na investigação histórica.

Por conseguinte, a escolha do *Jornal do Recife* se deu porque os jornais eram as fontes mais relevantes para entender a epidemia no cotidiano; e, dentre os periódicos mais presentes no período, esse foi o único não utilizado nas análises realizadas até o momento, mesmo sendo um dos mais populares no período, tendo 79 anos de circulação e um vasto noticiário, no qual o caso de 1918 tornou-se destaque nas primeiras páginas. Sua condição de veículo oposicionista contribuiu para que não minimizasse a tragédia. Além disso, ele se diferenciou dos outros porque apesar de ter uma posição, colocou-se como a serviço apenas da população, do bem comum, como uma “imprensa livre”⁶.

Em vista disso, as notícias do jornal utilizado foram consultadas no site da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, e foram escolhidas após leitura e observação de todas as edições do matutino a partir do mês de setembro de 1918, até o final de novembro. Com o uso de palavras-chave como “influenza hespanhola”, “influenza”, “epidemia” e “gripe”, realizei uma seleção, e a maioria das notícias traziam o título “A Influenza Hespanhola”, geralmente entre a primeira e a segunda página. Outras, apesar de não virem com esse título em destaque, tinham informações separadas a respeito, e artigos de opinião em um formato menor.

Dessa maneira, não se pretendeu trabalhar exaustivamente os meios de comunicação, investigando linhas editoriais e nem todo o noticiário, e sim a análise das notícias escolhidas, executada de forma crítica. Por causa dos objetivos dessa pesquisa, anúncios publicitários foram desconsiderados. E, como toda investigação, esse trabalho possui limitações. O *Jornal do Recife*, no período estudado, circulou com duas edições diárias: matutina e vespertina. No entanto, talvez pelo caráter secundário da edição da tarde, todas as publicações observadas

⁶ O sentido de imprensa livre ou imprensa independente, nesse caso, como colocou o próprio jornal, é por não se curvar a ordem vigente, sendo não partidário e exercendo sua opinião, visando apenas o bem da população. A população, seria, sobretudo, a classe trabalhadora e menos favorecida economicamente na sociedade.

estavam nas edições da manhã. O posicionamento do periódico, contudo, era um só; e os procedimentos metodológicos seguiram de acordo com as possibilidades.

Destarte, a pesquisa pretendeu ser mais uma contribuição ao campo da História da Saúde e das Doenças, numa perspectiva mais ampla e no âmbito do tema proposto. A escolha por esse assunto partiu de um interesse por esse campo de estudo. Deparei-me com algo que pouco ouvia falar; mas que sabia ter ocorrido: a epidemia. Conversando com os meus parentes, percebi que a patologia no Brasil e, sobretudo, em Recife, era novidade, pois muito pouco se sabia sobre a passagem do morbo. Diante de minha curiosidade, comecei a pesquisar sobre, e quis entender melhor a ocorrência dela na cidade que moro. Nos jornais, encontrei muito do que procurava. Juntamente a isso, a convivência com a covid-19, por mais de dois anos, e as análises comparativas entre as duas pandemias, aguçaram minhas inquietações em torno das “respostas” dadas ao episódio de 1918, na capital pernambucana.

O estudo se dividiu em dois tópicos. No primeiro, tracei um panorama parcial do fenômeno pelo Brasil, discorrendo sobre o surto no Rio de Janeiro e São Paulo inicialmente, por serem as cidades mais populosas e mais atingidas pela epidemia. Também Salvador⁷, pela sua condição portuária e por ter tido a passagem do vapor Demerara, que teria trazido a doença inicialmente. Busquei entender os impactos nesses centros urbanos e observar a importante presença dos jornais nesse contexto. Ainda nesse tópico, tratei especificamente do Recife, para compreender as mudanças da capital dentro de um projeto de modernização e higienização dos centros urbanos, bem como o estado sanitário entre fins do século XIX e XX, juntamente à saúde no período.

Já o segundo tópico discorreu sobre o *Jornal do Recife*. Sua origem, o contexto no qual estava inserido no Brasil, na história da imprensa em 1918 e quem o escrevia, foram preocupações desta pesquisa. Foi feito então o estudo da atuação do *Jornal do Recife* durante a epidemia, mas em discussão com outras fontes⁸, como o jornal *Diário de Pernambuco* e o Relatório sobre a Influenza, realizado pelo Doutor Octávio de Freitas em 25 de novembro de 1918, encontrado no Arquivo Público de Pernambuco. O ensaio se dividiu em três momentos: inicialmente, as primeiras notícias sobre a moléstia na capital, sua expansão e as primeiras medida para contê-la. No segundo momento, a atuação do jornal com a mudança do Diretor de Higiene; e, por último, o declínio da gripe, na visão do periódico.

⁷ A parte que cabe a Recife, também cidade portuária, se encontra no último subtópico do trabalho.

⁸ O uso das outras fontes é de fato para realizar um diálogo entre o jornal principal, o Diário de Pernambuco e o relatório sobre a Influenza de 1918, documento oficial produzido pelo Doutor Octávio de Freitas e enviado ao secretário geral.

2. CONTEXTO E CHEGADA DA GRIPE ESPANHOLA EM ALGUNS CENTROS URBANOS: IMPACTOS E CONSIDERAÇÕES

2.1 O trajeto da gripe no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador

O ano de 1918, que irrompe o grande fenômeno do século XX, foi atribulado para boa parte da população brasileira. O Brasil declarou guerra à Alemanha em 1917 e, conseqüentemente, houve o aumento no preço de gêneros alimentícios cotidianos. Era um momento de crise, principalmente para as classes menos abastadas. A consequência dessa situação foi o agravamento da carestia de vida em que já vivia a sociedade brasileira. Conforme assinalou Marroquim (2023, p. 31), essa adversidade; alcançava, sobretudo, os principais centros urbanos, como Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Nessa perspectiva, antes mesmo de aportar no Brasil, os periódicos noticiavam a ocorrência da influenza em outros países sem muito destaque, como um acontecimento longínquo. Um exemplo é a notícia do jornal do Rio de Janeiro *O Paiz*, que destacava o alastramento da moléstia em Londres, causando o fechamento de algumas escolas e fábricas⁹. Também nos exemplares do *Correio da Manhã*¹⁰ e *Jornal do Brasil*¹¹ se falava da devastação que a gripe estava causando na Bélgica.

Em vista disso, os olhares estavam voltados para os conflitos e desdobramentos da Primeira Guerra e a partida da Missão Médica Militar Brasileira, composta de médicos e técnicos de saúde que iriam para a Europa prestar assistência aos combatentes aliados. Segundo Goulart (2003, p. 26), eles partiram para o continente africano; com o intuito de combater mazelas como a “peste desconhecida”, em 18 de agosto de 1918, chefiados por Nabuco de Gouveia.

Então houve a primeira investida da doença contra o Brasil. Schwarcz e Starling (2020, p. 53), comentaram que ela se instalou sorrateiramente no pacote *La Plata*, em Dakar, no Senegal, atacando inúmeras pessoas, incluindo brasileiros da Missão Médica. Dessa maneira, as notícias começaram a chegar no Rio de Janeiro a partir de 22 de setembro. Nessa circunstância, foram confirmados conforme dados de Goulart (2005, p. 105), mais de 50 brasileiros atacados pela moléstia, dentre eles os já citados integrantes da Missão. A

⁹ Outras notícias do estrangeiro. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 29 jun. 1918, ano 34, n. 12315, p. 3.

¹⁰ A Influenza está devastando a Bélgica. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 7 ago. 1918, ano 18, n. 7102, p. 1.

¹¹ Na Bélgica: A Influenza na Bélgica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1918, ano 18, n. 217, p. 5.

historiadora certificou que 156 pessoas morreram no total. Essa constatação levou nomes como Carlos Pinto Seidl, Diretor Geral da Saúde Pública, a dar sinais de aflição. No dia 30 de setembro, Seidl estabeleceu um serviço de assistência aos necessitados no Rio de Janeiro (Goulart, 2003, p. 34).

Apesar das várias pesquisas realizadas, mesmo hoje em 2024, não podemos afirmar como a gripe chegou ao Brasil. Não obstante, teria vindo através do navio Demerara, que partira de Liverpool, na Inglaterra (Brito, 1997; Goulart, 2003; Filho, 2003). No dia 9 de setembro, o navio atracou no porto do Recife. E no dia 14 aportava no Rio de Janeiro, após ter passado por Lisboa, Recife e Salvador, respectivamente. A informação nos fez pensar que a doença chegou primeiro na capital pernambucana (mesmo não sendo percebida) e em seguida partiu para os outros portos. Todavia, não é um dado garantido. O *Jornal do Recife* publicou um telegrama¹² enviado do Rio de Janeiro, confirmando a presença do Demerara, que se encontrava com a influenza no dia 16. Já Souza (2005, p. 72) assinalou que no dia 24 de setembro o jornal *A Tarde* publicou uma matéria informando que setecentas pessoas haviam contraído a doença em Salvador.

Além disso, Brito (1997, p. 19) pontuou que, quando chegavam as notícias sobre a difusão da epidemia pelo Nordeste e Norte do Brasil – dias 7 e 8 de outubro –, ela tinha sido confirmada em Niterói, e esses casos teriam vindo justamente de Dakar, cujo paquete estava ancorado no porto desde 23 de setembro. Desse modo, quando observadas as informações, tanto nos jornais como nas produções historiográficas, foi perceptível a ambiguidade presente sobre os primeiros casos no Brasil.

Dessa maneira, a doença se difundiu de forma rápida. Silva constatou:

No final de Setembro a Gripe já grassava epidemicamente em três portos brasileiros: Recife, Salvador e Rio de Janeiro. O navio que viera de Liverpool com escala feita nesses portos tinha alguns de seus tripulantes gripados, chegando a Gripe logo depois na Paraíba e no Espírito Santo e no mês de outubro fazendo a epidemia frequentar todos os espaços urbanizados no Brasil. (2018, p. 27).

Ainda sobre a expansão, Schwarcz e Starling (2020, p. 64) sinalizaram que, em novembro, havia registros da influenza no Rio Grande do Sul, na Amazônia, no litoral e no interior do país. Assim, sendo a presença da espanhola uma realidade, coube-nos refletir acerca de como impactou centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.

¹² Telegrammas Ultima Hora. *Jornal do Recife*. Recife, 16 set. 1918, ano 61, n. 255, p. 2.

Na capital federal, o flagelo fez muita gente adoecer e falecer. Segundo Goulart (2005, p. 35), não houve nenhuma estratégia previamente estabelecida para o seu combate. Havia, na verdade, um desaparelhamento das instituições federais de saúde, algo que não era novo, mas foi intensificado durante o episódio; no qual as pessoas reclamavam mais do descaso e da falta de assistência. Os hospitais sofriam escassez de médicos, leitos e remédios. Nas palavras da historiadora:

[...] Tal falta de investimentos no âmbito da saúde levou à precariedade das instituições sanitárias e hospitalares, o que contribuiu para maior limitação dos socorros públicos durante a epidemia de gripe. O atendimento da população acabou dependendo, em grande parte, da iniciativa das esferas privadas: igrejas, clubes, associações beneficentes, escolas e a Cruz Vermelha socorreram a sociedade à beira de um colapso. (Goulart, 2003, p. 38).

No caso, os problemas estruturais dificultaram o combate à pestilência e o estado sanitário caótico do país levou jornais de várias cidades a publicarem artigos no mês de outubro, exigindo medidas mais enérgicas do diretor Carlos Seidl. Enquanto a sociedade caía enferma, no dia 11, a imprensa publicava mensagens dele, reiterando a benignidade da espanhola (Brito, 1997, p. 19). Apesar disso, Goulart (2003, p. 53) sinalizou que faltava autonomia a Carlos Seidl, uma vez que a diretoria era subordinada ao Ministério de Justiça e Negócios Interiores, o qual cabia ao ministro a “última palavra” sobre as ações do responsável pela saúde.

Nessa ótica, Brito (1997, p. 19) inferiu que a opinião médica, sobretudo; da Diretoria Geral, embasou muito a posição da mídia, que, ao menos até certo momento, buscou tranquilizar a população, sempre dizendo para ninguém se apavorar. Contudo, a cada dia que se passava e a situação piorava, medidas eram reclamadas. Os obstáculos postos nos jornais eram diversos: cadáveres insepultos, falta de caixões, falta de remédios, falta de médicos, fechamento dos estabelecimentos, carestia de vida devido ao preço dos alimentos, entre outros.

A vida na grandiosa capital federal paralisou e a medicina reconheceu sua impotência; Carlos Pinto Seidl foi colocado como “bode expiatório”, como culpado pela “desgraça” que se abateu na cidade. Tanto a imprensa como a população o execraram, e contribuiu com isso o fato dele ter pedido a censura das notícias no dia 16, devido ao pânico que estavam causando à população. Diante disso, seu pedido de demissão foi confirmado no dia 17 de outubro. Durante o acontecimento no Rio de Janeiro, 14.379 pessoas faleceram (Goulart, 2003, p. 53).

Já quando analisamos a situação de São Paulo, a primeira questão é o caráter tardio da enfermidade, comparado aos outros centros urbanos. Bertucci (2004, p. 100) informou que, no

dia 10 de outubro, o jornal *O Combate* noticiou inúmeros casos suspeitos e, no dia 15, estava confirmada a presença da influenza na sua capital. Nesse sentido, São Paulo estava dividida entre aqueles que elogiavam as rápidas medidas divulgadas pelos órgãos de saúde e os que afirmavam ter havido demora para o reconhecimento da doença.

Nessa circunstância, o Serviço Sanitário de São Paulo, dirigido por Arthur Neiva, criou, de acordo com Bertucci (2005, p. 146), um parecer chamado “Conselhos ao Povo”, que era basicamente considerações, medidas e propriamente conselhos para a população, a respeito da gripe. Esses pareceres eram divulgados diariamente nos jornais locais, para que pudessem ser acessados. Os atendimentos aos doentes eram realizados por meio dos postos de socorro com médicos e remédios. E, algo muito presente na urbe, foi a mobilização da sociedade no combate à moléstia, ao que a autora dedica algumas páginas do seu livro. Essa prática aumentava com os apelos da imprensa.

No dia 21 de outubro, ocorreu a primeira morte causada pela enfermidade. Esse fato acarretou diversas críticas aos médicos e ao governo. Além disso, Bertucci (2004, p. 130) afirmou que, no dia 4 de novembro, a quantidade de doentes chegou a 7.786, e houve 172 óbitos. Um número que cresceu mais. Dessa forma, a posição das autoridades médicas mudou. Antes os cuidados sugeridos eram mais individuais; as pessoas deveriam se responsabilizar pela sua saúde, e depois foi amplamente incentivada a “hospitalização”. O hospital passou a ser visto como importante lugar de cura.

No tocante a isso, a autora assinalou que, em São Paulo, duas terapêuticas¹³ surgiram: uma para a “forma ligeira” e outra para a “forma complicada”. Enquanto a primeira era caracterizada pela doença benigna e sem riscos de letalidade, a segunda fora indicada para quando havia chance de o doente vir a falecer. No discurso médico estabelecido, a constatação era de que a profilaxia e o tratamento corretos impediriam a sua gravidade. Sem embargo, a população deveria aceitar a terapêutica, sendo a educação dos pacientes um dos recursos cruciais para debelar a pestilência (Bertucci, 2005, p. 149).

Outro ponto fulcral quando se pensa na epidemia de gripe na urbe encontra-se no estudo de Cláudio Bertolli Filho. Como já dito, ele foi um dos pioneiros a analisá-la e teceu várias considerações: uma delas é a “ilusão democrática”. Havia um pensamento de que a moléstia atingia a todos sem distinção, não escolhia raça, classe, condição. O autor “quebra” essa concepção ao observar a diferença na incidência da moléstia nas “duas faces de São

¹³ Palavra que representa uma parte da medicina, cujo estudo é dedicado a métodos e procedimentos para tratamento de doenças.

Paulo”: a do símbolo da civilização e progresso, representada pelos ricos distritos da Sé e da Consolação, e uma outra “Pauliceia”, ocupada pela população pobre. “Era a cidade suja e infecta do operariado e dos marginais, dos imigrantes e dos negros, em tudo negação da urbe civilizada e higiênica, progressista e esbelta” (Bertolli Filho, 2003, p. 37).

Eram nesses espaços que as pessoas mais sofriam com a enfermidade, devido à falta de serviços básicos de saúde, as condições difíceis de vida e trabalho. Não podemos esquecer que São Paulo, como os outros centros urbanos, estava em processo de urbanização. Se apresentava como “excessivamente salubre”, se industrializava, crescia, mas havia espaços que não estavam sendo beneficiados por essa modernização, e a chegada do fenômeno agravou a situação. Em novembro, a doença declinou. Porém, já no final de outubro, ficou clara a incapacidade do Estado em bloquear o avanço do “inimigo mortal”. Seu impacto foi absurdo. O historiador fez uma análise minuciosa para compreender a real quantidade de mortos. Apesar das dificuldades que encontrou quanto aos números oficiais e aos dados coletados nos cemitérios, afirmou que, aproximadamente 1% dos 523.196 moradores de São Paulo faleceram (Bertolli Filho, 2003, p.88).

No que compete a Salvador, conforme afirmou Souza (2009, p. 38), o cenário que a moléstia irrompe é o pior possível: crise política causada pelas disputas de poder entre as facções, crise financeira e miséria. Além disso, as reformas do projeto de modernização encabeçado por Seabra, governante da Bahia, desalojaram as pessoas e não as estabeleceram. As comunidades enfrentavam os problemas da falta de água encanada, do saneamento básico e das patologias que as assolavam. Assim como em São Paulo, a parcela mais pobre da população foi quem mais sofreu com a Gripe Espanhola.

A situação política na Bahia era muito parecida com a de Pernambuco. Havia disputas por poder, “as facções se digladiavam” e o palco da luta era a imprensa. Existiam os jornais de oposição ao governo de José Joaquim Seabra e os que serviam a ele. Desse modo, como em Pernambuco, na Bahia, o caso epidêmico foi usado como instrumento dessas disputas, onde a oposição buscava desacreditar o governo, e vice-versa, como observou Souza (2005, p. 216). Para a autora, somente quando passado um mês da mazela em terras baianas, foram tomadas medidas de combate e prevenção.

No que tange à Assistência Pública, ao observar as fontes sobre os enfermos, a historiadora concluiu que provavelmente apenas os que possuíam nome, ou podiam ser identificados de alguma forma, eram assistidos. “Os anônimos, aqueles que viviam na mais absoluta miséria, à margem da sociedade, morriam ao relento e certamente não eram

computados pela estatística oficial” (Souza, 2005, p. 22). Essa conclusão corroborou com as diversas informações acerca da disparidade no número de óbitos. Aparentemente, estava morrendo mais pessoas do que as autoridades computavam porque não prestaram socorro.

Apesar disso, quando o morbo passou na capital baiana, os governantes acreditavam que ele tinha sido menos mortífero na cidade. Isso porque o número de mortos não teria sido tão significativo para eles, “sobretudo porque, numa população de 320 mil habitantes, estimava-se que cerca de 130 mil contraíram a gripe e apenas 386 pessoas morreram em decorrência da moléstia” (Aragão, 1920 *apud* Souza, 2005, p. 96). Essa conclusão veio do prefeito. E é importante pontuar que, mesmo durante todo o fenômeno, existindo esse discurso de benignidade da gripe, foram aplicadas medidas, tanto coletivas como individuais, com foco nos locais onde havia mais proximidade entre as pessoas (Souza, 2009, p. 216).

No entanto, era praticamente impossível para aqueles que não tinham água ou saneamento exercerem as práticas de higiene que lhes foram sugeridas. Os critérios de profilaxia, nesse contexto, não consideraram tanto a forma como vivia grande parte da sociedade. Como Souza (2005, p. 96) assinalou, a doença agravou o estado sanitário de Salvador e escancarou as “chagas miseráveis da Bahia”, a precária realidade dos seus habitantes.

Então, a discussão aqui colocada mostrou como o estado das cidades com a gripe espanhola se assemelhava. Havia problemas sanitários, gerais no Brasil, de organização dos órgãos de saúde, dificuldade da medicina em compreender e debelar a enfermidade e conflitos políticos. Além disso, as condições enfrentadas pela sociedade, sobretudo, a população mais desfavorecida economicamente, era alarmante. Viviam uma carestia. Não à toa Marroquim (2023); afirmou que, no século XX, houve uma expansão da Igreja Católica nos centros urbanos e, em 1918, isso foi intensificado, em que as ações promovidas recaíam no amparo aos pobres necessitados.

Outrossim, o autor trouxe alguns exemplos, como São Paulo. Nesse território, os religiosos penetraram, especialmente, nos bairros periféricos, com o intuito de atuar nos “trabalhos espirituais, como a extrema unção e confissões, até servir de ponte entre a Assistência Pública e as áreas periféricas[...]” (Marroquim, 2023, p. 35). Em Salvador, a pluralidade de religiões se fez presente, por desenvolverem práticas de cura, cada uma a seu modo (Schwarcz; Starling, 2020, p. 113). Também existiram missas como a “*recordare contra pestem*”, a qual, conforme Marroquim (2023, p. 35), foi implementada pelo Papa Clemente VI para barrar o avanço da peste bubônica no século XIII.

Além disso, é visível o papel crucial da imprensa nessas cidades, que, não sendo neutra ou imparcial, utilizou de sua influência para compartilhar suas opiniões e divergências, as quais, inclusive, confundiam a população quanto à realidade apresentada, e traziam os impactos da moléstia. Contudo, por vezes contribuíram através de suas informações para a sociedade buscar soluções de cura a enfermidade, ainda que o caso fosse um mistério para a medicina. Por mais que em alguns locais estivessem realizando pesquisas, não havia respostas concretas durante o fenômeno.

2.2 A situação sanitária e a saúde em Recife entre fins do século XIX e início do XX

Recife, capital de Pernambuco, é uma cidade cortada pelos rios Capibaribe e Beberibe e formada, sobretudo, pelo seu porto. Essa, passou por inúmeras transformações desde o período colonial, destacando a época “flamenga” de ocupação dos holandeses, na administração de Maurício de Nassau. E de 1808 em diante, com a vinda da Família Real e a abertura dos portos, possibilitando a entrada de capital estrangeiro e ampliação do mercado externo. Assim, Recife começou a ter mudanças de peso; (Lubambo, 1991, p. 27). Entretanto, as alterações nesse lugar, principalmente em relação à saúde, se tornaram mais intensas no início do período republicano.

Como pontuado por Miranda (2003, p. 142), em fins do século XIX e início do XX, a cidade sofreu muitas alterações, nas quais houve a diversificação das atividades produtivas, devido à criação de indústrias locais, sobretudo, de bens de consumo, o que levou a um aumento da classe operária com a imigração de estrangeiros para as cidades.

Esses fatos, associados às grandes secas no agreste e no sertão, foram responsáveis por um crescente êxodo rural, onde uma legião de indivíduos com suas famílias transferiram-se para o Recife, na esperança de encontrarem dias melhores; (Miranda, 2003, p. 143).

Nesse viés, tratando-se de um processo mais geral, a libertação dos escravizados com a Lei Áurea e a “desagregação do sistema senhorial” aumentaram o número de libertos que habitavam esses espaços urbanos das principais capitais do país, como o Recife, em busca de melhores condições de vida. Esses processos implicaram no aumento significativo do contingente populacional da capital pernambucana, na modificação do seu espaço físico e na sua estrutura social. “A população pernambucana se mescla mais, e se constituirá em sua maior parte por pessoas pobres” (Silva, 2018, p. 17). Recife cresce. Não obstante, sem planejamento urbano, sem condições de suprir as necessidades dessa população que se espalhou.

Diante desse crescimento populacional, Lubambo (1991, p. 55) apontou que ricos e pobres coexistiam na cidade, mas não ocupavam os mesmos espaços, muito menos viviam no mesmo mundo. A maioria dos pobres residia em áreas decadentes, como o bairro do Recife e parte do bairro de Santo Antônio, em casas que se desfaziam, em cortiços, nas áreas alagadas em mocambos, ou próximo das fábricas que vinham surgindo. Desse modo, a população que vivia nos mocambos não só construía suas habitações, como também encontrava parte do seu alimento nos manguezais. Como Miranda pontuou:

Sem acesso à água tratada, serviço de remoção de lixo e esgoto canalizado, as populações pobres, já debilitadas por um regime alimentar deficiente, péssimas condições de trabalho e moradias precárias, tornaram-se ainda mais vulneráveis às doenças epidêmicas e endêmicas que assolavam a cidade. (2003, p. 143).

Nessa perspectiva, faltava o intento do governo em fornecer serviços de qualidade. A saúde era precária e Recife era assolada por doenças como varíola, tuberculose, febre amarela, febre tifóide, entre outras, que causavam várias vítimas (principalmente os mais desfavorecidos economicamente). Isso antes mesmo de chegar a tão devastadora Gripe Espanhola.

Com o crescimento das cidades e a piora nas condições de vida de boa parte da população, a consequência era uma série de enfermidades, como antes destacado. Foi delineado com mais afinco um projeto de modernização e reordenamento dos centros urbanos, baseado no pensamento europeu, no qual predominava um discurso médico-higienista, que se apresentou inicialmente na capital federal. Hochman (2013), em seu estudo, analisou num viés mais político o processo que levou a saúde a se tornar questão do poder público no Brasil. Ele afirmou uma consciência de interdependência por parte das elites brasileiras. Nesse caso, a preocupação com a saúde da sociedade, que levou a medidas de saneamento e higienização, deu-se também porque as pessoas mais pobres e mais suscetíveis às enfermidades seriam uma ameaça aos outros mais abastados, precisando o governo intervir.

À luz da História Social, Chalhoub (2017) refletiu o processo que levou à demolição dos cortiços cariocas no século XX. Ele destrinchou a atuação dos médicos sanitários do Rio de Janeiro, que foram imbuídos dessa missão de sanear, livrar a cidade de suas mazelas. E ele enfocou principalmente a experiência de negros, escravizados, libertos e livres nas habitações, nos espaços que eram vistos como infectos. Nesse sentido, as pessoas que viviam em condições precárias de existência eram vistas pela elite como um entrave para o progresso que se almejava conquistar. Havia o objetivo de eliminar as doenças e tudo o que significasse o atraso e não o “moderno”.

Dessa forma, como afirmado por Couceiro (2003, p. 21), esse processo viabilizou o reaparelhamento do Porto, a Reforma do Bairro do Recife, o embelezamento de várias áreas, melhorias no abastecimento d'água, saneamento, entre outros. Todo esse projeto não alterou a cidade apenas esteticamente ou economicamente. Não obstante, modificou mesmo os modos de viver, os costumes das pessoas, as formas da população “viver a cidade”.

Nessa ótica, os chamados “mocambos” já citados, feitos de pau-a-pique e cobertos com palhas, eram enxergados como um obstáculo à salubridade. Além de serem vistos como proliferadores de doenças, eram locais onde habitava uma população com maus hábitos de higiene e vícios. Portanto, eliminar essas moradias era, além de parte do projeto de modernização, uma das grandes preocupações dos ditos “progressistas”. Rezende (2016, p. 57) assinalou que essa noção de que as cidades precisavam de um cuidado especial acarretou o engendramento de um plano envolvendo médicos, engenheiros sanitários, políticos e autoridades governamentais, cujo objetivo era o enfrentamento dos problemas de saúde pública. Desse modo, Silva (2018, p. 18) afirmou que os médicos, nessas ações que se iniciaram, assumiram um novo papel: não eram apenas uma forma de chegar à cura, mas estavam inseridos também nas obras de caráter social.

Abordando especificamente a cidade do Recife, Silva (2018, p. 22) enxergou-a como precisando de mudanças na higiene pública e nos lares. No caso, as moradias, como um todo. E, no que toca a essas más condições sanitárias, o porto, no final da década de 1890, era considerado um lugar insalubre, tomado por pessoas pobres. Essa situação se dava também porque era a porta de entrada dos visitantes que chegavam, dos produtos e, claro, das doenças. Segundo Duarte (2018, p. 50), o problema com a higiene se arrastou; e, em 1909, às vésperas da reforma do porto e do saneamento do Recife, estava clara a má condição higiênica em toda a urbe. Isso levou a população a cobrar soluções através dos jornais.

Analogamente, no que compete à modernização da capital, o porto foi ampliado entre 1909 e 1924. As reformas foram executadas, companhias de transportes urbanos, abastecimento de água e gás foram instaladas; também de iluminação elétrica, posteriormente (Perucci, *apud* Bernardes, 2013, p. 57). De modo geral, o planejamento para sanear a cidade contava com as seguintes medidas: alargamento das ruas, saneamento dos quarteirões, derrubada de velhos casarões, casebres e estabelecimentos comerciais. Essas medidas atingiram grande parte do Bairro do Recife e da zona portuária.

Ainda que fosse mesmo necessário melhorar o porto de Recife e o estado sanitário da cidade, segundo Rezende (2016, p. 41), a reforma (1910-1913) escancarou o caráter

autoritário da modernização, uma vez que causou diversas demolições e desapropriações ao povo. Nesse tocante, Miranda (2013, p. 166) discorreu sobre a derrubada dos casarios que deixara becos e ruas entulhados de seus resquícios e destacou como os protestos e as medidas judiciais contra as desapropriações foram ignorados.

No que compete à saúde e ao campo médico em Recife durante o final do século XIX e início do XX, algumas considerações devem ser feitas. Para Arrais (2004, p. 364), a Sociedade de Medicina de Pernambuco, criada em 1841, foi berço dos médicos que estavam à frente dos debates em torno da salubridade na cidade de Recife e daqueles que presidiram os serviços de higiene, como Aquino Fonseca, que foi presidente do Conselho de Salubridade Pública, criado em 1845. Esse órgão, inclusive, foi substituído em 1855 pela Comissão de Higiene Pública, que foi sucedida pela Inspeção de Higiene Pública, vindo a se tornar a Diretoria de Higiene e Saúde Pública. De modo geral, Farias (2007, p. 51) apontou que esses higienistas tinham o intuito de valorizar a ciência médica e regulamentar a higiene juntamente com o governo, bem como estudar formas de debelar as epidemias que assolavam a capital.

No entanto, é importante pontuar que essa medicina era constituída também de disputas pelos espaços de cura. As “artes de curar” consistiam em uma medicina alternativa, oriunda das práticas populares, como os curandeiros e charlatães, presentes desde da Colônia. Mesmo no século XX, que, em tese, seria momento da medicina científica, dita oficial, essas práticas persistiram (Couceiro, 2006 *apud* Gouveia, 2007, p. 87). Inclusive, durante a gripe espanhola devido à impotência do poder médico no entendimento e combate à enfermidade, a medicina popular esteve muito presente. O que significou uma forte resistência, posto que o próprio Código Penal e a legislação local buscaram criminalizar esses atos.

Todavia, nesse processo de construção do campo médico em Recife, outras instituições foram importantes. São elas: o Instituto Vacinogênico, a Escola de Farmácia, a criação da Faculdade de Medicina do Recife, a Liga Pernambucana contra a tuberculose, etc. Muitas dessas organizações obtiveram o protagonismo e contribuição do médico Octávio de Freitas, segundo Gouveia (2007, p. 103). Ele foi uma figura de suma importância em 1918 no Recife. Essas instituições, além de formarem profissionais, trouxeram diversos debates acerca da microbiologia, da epidemiologia e da saúde, de modo geral. Octávio de Freitas participou desses órgãos de saúde, envolvido na formação desses novos mecanismos que eram necessários à medicina científica que vinha se delineando no país.

No que toca à Diretoria de Higiene, passou por diversas remodelações desde 1911, com o governo de Dantas Barreto (Freitas, 1935, p. 291). O órgão era responsável por

organizar as questões médico-sanitárias em Pernambuco, até 1930. No período da espanhola, o Dr. Abelardo Baltar e o Dr. Octávio de Freitas atuaram nela, no combate ao flagelo. Baltar assumiu o comando de 1917 a 1918. Analogamente, o outro médico, que já gozava de prestígio entre os governos e oposições, esteve à frente da Diretoria de Higiene e Saúde Pública de Pernambuco a partir do dia 15 de outubro de 1918, convidado pelo então governador Manoel Antonio Pereira Borba (Gouveia, 2007, p. 145).

Desse modo, o triunfo do progresso, da modernização e da medicina científica estaria representado em várias capitais do país, tais quais Recife, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belém, Fortaleza, Porto Alegre, entre outras cidades, as quais assumiram sua face perante a República, diante do “novo”. Apesar disso, a Gripe Espanhola de 1918, com o resultado estarrecedor que teve em todo o país, abalou a confiança depositada na ciência, com as descobertas da microbiologia (Silveira, 2005, p. 93), e nas medidas sanitárias que se firmavam; colocou à prova as falhas da medicina “moderna” e dos serviços sanitários empregados, suscitando, inclusive, novas reflexões a respeito. E em Recife não foi diferente.

3. O PAPEL DO JORNAL DO RECIFE NA EPIDEMIA

3.1 Um breve histórico do *Jornal do Recife* até 1918

O *Jornal do Recife* se inseriu em uma série de periódicos que surgiram em meados do século XIX e atuaram disseminando as ideias políticas e sociais da época, contribuindo para a formação da opinião pública. Foi criado em Pernambuco no ano de 1859 e durou até 1938. Seu proprietário e redator chefe até 1895 foi José de Vasconcellos¹⁴, letrado, literato, jornalista, também político, se tornou sócio do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano (Blake, 2005, p. 222). Desse modo, a folha começou como uma revista de periodização semanal, sempre saindo aos sábados, e deu continuidade ao *Jornal do Domingo*, de mesmo fundador, mas com curta duração. O intuito do *Jornal do Recife*, num primeiro momento, era de ser um veículo de notícias, uma revista com conteúdo de Ciências, Artes, Letras. O lema era:

Instruir sem pedantismo, deleitar sem mau gosto e moralizar sem aborrecimento. Os meios que para isto empregaremos serão aqueles que estiverem ao alcance de qualquer inteligência; porque escrevemos para todas as classes da sociedade. (Nascimento, 1966, p. 95).

¹⁴ Seu nome também aparece muitas vezes escrito como “José de Vasconcelos”.

Nesse contexto, pretendia ser um noticiário para todos, sem distinção de classe alguma e com a proposta de levar ao leitor todo o movimento social, político, do mundo da ciência, da indústria, bem como a poesia, a literatura, questões comerciais, artísticas, entre outras. Dessa maneira, o veículo se expandiu e, até 21 de dezembro de 1861, circulava sem colocar um anúncio em suas páginas, apenas se mantendo com assinaturas e vendas. Em 1862, tornou-se uma publicação diária. Um “diário comercial, agrícola, industrial, literário e noticioso” (Nascimento, 1966, p. 97), nas palavras do próprio diretor e principal redator, José de Vasconcellos.

Em 1863, o jornal, que antes se colocava “estranho à política”, não pertencente a nenhum dos lados que dividia o país (conservadores e liberais), mas que publicava os “Atos Oficiais”, se tornou um órgão oficial do governo da província. Mesmo dizendo não necessariamente partilhar das mesmas ideias, havia o compromisso de defender e não publicar críticas ou censuras ao poder vigente, sob pena de multa (Nascimento, 1966, p. 101). Nesse sentido, o periódico passou por muitas mudanças, como melhoras na impressão, na tipagem e na qualidade redatorial. Também aumentou os valores das assinaturas e expandiram as matérias, tornando-as mais variadas.

Depois de anos à frente do diário, José de Vasconcellos vendeu a empresa e passou a administração para Sigismundo Gonçalves e Ulysses Viana (ambos do Partido Liberal), como posto no artigo “Despedida”¹⁵, publicado pelo fundador em 1 de abril de 1887. Apesar de se colocar como imparcial em seu programa, a nova fase da folha seguiu com orientação Liberal. Anteriormente, já tinham existido colunas alugadas do partido no periódico. Tendo em vista o governo conservador em Pernambuco, o noticiário se tornou oposição. Não obstante, mudava seu posicionamento de acordo com a disputa política existente no momento.

Alguns assuntos mereceram destaque na folha: a “Questão Religiosa”, acerca qual tinha artigos e editoriais em defesa da Maçonaria, que discutia também a separação entre Igreja e Estado; abolição da escravatura, cujo periódico dedicou forte engajamento, afirmando ser “um dos feitos mais brilhantes que a história da humanidade registra”¹⁶; a crise açucareira; embates com jornais como *A Província* e o *Diário de Pernambuco*; aceitação da República exposta em artigo na primeira página, que aderiu “franca e lealmente”¹⁷, entre outros temas em que expunha suas opiniões.

¹⁵ Despedida. *Jornal do Recife*. Recife, 1 abr. 1887, ano 30, n. 74, p. 1.

¹⁶ A lei de abolição. *Jornal do Recife*. Recife, 17 mai. 1888, ano 31, n. 111, p. 1.

¹⁷ Ao público. *Jornal do Recife*. Recife, 1 jan. 1890, ano 33, n. 1, p. 1.

Com a chegada do período republicano, uma nova fase se iniciou, não apenas para o *Jornal do Recife* mas também para outros do período. Segundo Eleutério (2012, p. 85), a imprensa se tornou grande empresa, numa conjuntura favorável, porque através do periodismo, revistas, cartazes ou jornais, compartilhavam e discutiam as novas relações de mercado. Esse favorecimento aumentou com a melhoria dos transportes, a chegada do telefone e do telégrafo, os quais facilitavam a transmissão de dados, a circulação das ideias e a comunicação com o exterior. E em meio a esses desenvolvimentos, o *Jornal do Recife* teve mais uma transformação: Sigismundo Gonçalves o vendeu ao coronel e posteriormente major Luís Pereira de Oliveira Faria, que já ocupava a gerência e prometeu “uma orientação desprendida de interesse partidário”¹⁸.

Posteriormente, a chamada Primeira República, foi marcada pela ação da censura. Diferentemente do que ocorreu no Império, a República, logo no início, mostrou-se “repressora contra a liberdade de expressão” (Eleutério, 2012, p. 86). Assim, o *Jornal do Recife* foi um dos periódicos que sentiu a censura, posto as ameaças de empastelamento que sofreu em 1893, mas também em outros momentos do período republicano, por ser contra a ordem vigente e defender a liberdade da imprensa.

Segundo Brasil (2015, n. p), em 1902, sob direção e gerência de Luís Pereira de Oliveira Faria, seu último proprietário, o jornal vivia uma fase intelectualmente rica, dado os versos e crônicas de autores consagrados que figuravam em seu campo redacional. Para mais, na administração e investimento de Luís de Faria, a folha se tornou mais moderna, com a máquina rotativa Albert¹⁹, que produzia muito mais. Ainda nesse âmbito, o prestígio, a boa aceitação do público, em todas as classes, sua crescente popularização e as condições materiais do impresso, possibilitaram sua ampliação com uma edição vespertina (Nascimento, 1967, p. 120). Assim, o *Jornal do Recife* se tornou o primeiro do Norte a ter duas edições diárias.

Diante disso, faz-se necessário abordar o contexto político de 1911. Esse período é importante para compreender o destaque que o diário confere à Gripe Espanhola em 1918. Quando Alexandre José Barbosa Lima, capitão florianista, deixou o cargo, as relações de poder no estado passaram a ser chefiadas por Francisco de Assis Rosa e Silva e seu Partido Republicano Federal, em 1896 (Silva, 2018, p. 32). Apesar de não ser o governador, ele

¹⁸ O Sr. Dr. Sigismundo. *Jornal do Recife*. Recife, 9 jul. 1893, ano 36, n. 153, p. 2.

¹⁹ Única no Norte do Brasil, segundo informações postas nas edições a partir de 2 de abril de 1914.

conferiu condições para garantir o poder oligárquico no estado. Em 1911, disputou o governo com Emídio Dantas Barreto, ministro da guerra no governo do presidente Hermes da Fonseca.

Nessa ótica, de um lado, havia os “rosistas”, e, do outro, os “dantistas”, como ficaram conhecidos os apoiadores de ambos. O processo de eleição teve episódios de conflito e violência. Em vista disso, Dantas Barreto venceu as eleições e chegou ao fim o domínio hegemônico da oligarquia em Pernambuco. Desse modo, no governo de Dantas Barreto, o assunto das reformas ganhou mais destaque, com a nomeação do higienista Dr. Gouveia de Barros e, principalmente, com a agilização da reforma do Porto de Recife, como afirmou Farias (2008, p. 96).

O período de Dantas Barreto no governo e de Luís Pereira Oliveira Faria como proprietário do *Jornal do Recife*, a partir de 1912, foi muito próspero, com uma nova organização editorial e aspectos gráficos (Brasil, 2015, n. p). Nesse sentido, a modernização dos centros urbanos, a crença no progresso, a construção dessa nova urbanidade que se mencionou mais acima, sobretudo em Recife, já que estamos tratando do jornal local, estava em destaque nas páginas, não apenas nas mudanças na produção, organização e financiamento, como afirmou Eleutério (2012, p. 90). Jornais e revistas registravam esses movimentos, e os defendiam.

Como foi dito, a maior preocupação dada à saúde pública estava diretamente ligada a esse processo de modernização, e, no *Jornal do Recife*, foi amplamente defendida as reformas sanitárias. Em uma publicação do dia 9 de abril de 1912, período do governo Dantas Barreto e da gestão de Gouveia de Barros na higiene, o diário expressiu que as condições da cidade se agravavam porque o povo não obedecia aos “ditames da classe dominante”; possuía hábitos ruins. A higiene era vista como competente nesse momento, enquanto o povo, com “maus hábitos”, era um entrave ao trabalho dela²⁰.

Depois, em 1915, Manuel Antonio Pereira Borba assumiu a administração de Pernambuco, apoiado pelo governador em questão. Nada obstante, na metade do seu mandato, devido a desavenças com Dantas Barreto, em questões do Partido Republicano Democrata, do qual faziam parte, eles cortaram relações, e houve uma cisão²¹. À vista disso, o *Jornal do Recife*, que apoiava o ex-governador, se manteve aliado a esse, tornando-se oposição ao governo atual de Manuel Borba.

²⁰ Cotas. *Jornal do Recife*. Recife, 9 abr. 1912, ano 61, n. 96, p. 1.

²¹ Para entender melhor o conflito entre Dantas Barreto e Manuel Borba, bem como a cisão no partido Republicano Democrata, ver: Pela Política. A Província. Recife, 25 jan. 1917, ano 40, n. 24, p. 1.

Quando falamos em oposição, trata-se do pensamento das pessoas envolvidas na produção, expressado no diário. No que compete aos membros da referida folha, em 1918, os principais nomes são: o coronel proprietário, já citado; seu gerente e genro, Francisco Pereira de Souza; Oswaldo Machado Freire Pereira da Silva, redator-chefe, homem de letras muito bem quisto, membro do Partido Republicano Democrata e com 19 anos de história com essa imprensa (Nascimento, 1966, p. 146); Aprígio de Faria, filho de Luís de Faria, redator-tesoureiro, candidato a deputado pelo mesmo grupo; José Philemon de Albuquerque, redator-secretário e também político pelo P.R.D. Havia uma enorme equipe. Desse modo, no que se analisou sobre quem era responsável pelo que se produzia na gazeta, ficou evidente a propriedade de uma elite, com relação política ou de parentesco entre os profissionais, não apenas redatores, como também funcionários do escritório, tipógrafos, impressores, entre outros funcionários²².

Em vista disso, estando bem estabelecido o posicionamento do jornal, em meio a um momento de crise, no mês de setembro de 1918, a gripe espanhola se apresentou em Pernambuco, sobretudo, na capital. Diante de sua chegada, a saúde, que já vinha ganhando espaço no cenário político, como já mencionado, e conseqüentemente na imprensa, tornou-se ainda mais destacada. Em suma, o *Jornal do Recife*, sob propriedade de Luís Pereira Oliveira Faria, realizou a cobertura do episódio epidêmico durante todo o período que esteve no estado e, mesmo nesse momento, negou a sua relação partidária, afirmando servir apenas aos interesses da população e ser um veículo preocupado com o bem público.

3.2 A passagem da Gripe Espanhola em Recife e nas páginas do periódico

A gripe era uma doença presente na capital pernambucana, que, segundo Silva (2018, p. 32), já havia passado por Recife em 1890, 1893, 1894 e de 1900 até 1917, se tonando endêmica. Conforme Freitas (1918, p. 5) pontuou, ela deixou de ser, sorrateiramente, uma “bôa doença”. Apesar disso, sua gravidade nem se comparava ao evento que ocorreu em 1918. O número de óbitos neste ano foi registrado como 2.551 só no mês de outubro. Porém, estimava-se que no total possa ter chegado a 3.000, tendo em vista que nem todas as mortes foram registradas pela Diretoria de Higiene (Silva, 2018, p. 32).

²² Todas as informações aqui trazidas a respeito dos integrantes foram retiradas do próprio *Jornal do Recife*, em um compilado de edições pesquisadas.

A imprensa, principalmente de oposição, explorou o acontecimento, e o *Jornal do Recife* foi um dos primeiros em Pernambuco a trazer relatos de suspeitas da patologia. Anteriormente, o periódico já vinha publicando sobre a guerra. Na sessão “Telegrammas”, tratava a presença da doença nos países da Europa e, posteriormente, na capital federal. As notícias chegavam, entretanto, os navios aportavam tranquilamente no porto, advindo de vários lugares (Freitas, 1918, p. 5). Iniciando o primeiro momento, o periódico comunicou depois que o vapor nacional Piahuy ancorou, trazendo 37 tripulantes e quatro deles estariam atacados de “gripe”²³.

Foi informado em outro artigo que os doentes estavam no Hospital de Santa Águeda. Os médicos João Amorim e Fragoso Selva teriam enviado uma comunicação ao então Diretor de Higiene, Abelardo Baltar, afirmando que os enfermos estavam sem febre e seriam transportados para o Pedro II. Quanto ao vapor, teria sido desinfectado dois dias antes e seguido para o sul. Não houve qualquer informação que confirmasse se tratar de Influenza Hespânica a enfermidade que atacou os tripulantes²⁴.

Como foi mencionado, o porto era a entrada de pessoas, mercadorias e também das doenças. E as embarcações transatlânticas atracavam primeiro no porto do Recife (Schwarcz; Starling, 2020, p. 73). Tendo isso em vista, a tese de que a moléstia chegou a partir desse lugar é embasada em duas situações: nessa chegada do vapor Piahuy e na vinda do Demerara, já citado. No *Jornal do Recife*, é informado que a embarcação ancorou na cidade no dia 9 de setembro, procedente de Liverpool, com escala para Lisboa. E duas senhoras destinadas ao Rio de Janeiro faleceram. No entanto, não há nenhuma menção ao que causou a morte delas e também nenhuma suspeita externalizada pelo periódico quanto a “gripe espanhola”²⁵. Não obstante, quando chegou ao Rio de Janeiro no dia 14 de setembro, inúmeros passageiros se encontravam adoecidos, e um diagnosticado com a influenza (Bertucci, 2004, p. 96).

No dia 29, estava o texto em destaque na segunda página, já intitulado *Influenza Hespânica*, comunicando sobre um boato de várias pessoas terem padecido pela moléstia no armazém do cais do porto e nas repartições adjacentes. Na imprensa que se modernizava, a figura do repórter em busca de novas pautas se destacou (Eleutério, 2012, p. 90). Na ânsia de apurar esse boato, afirmaram terem sido acometidos vários trabalhadores, colocando seus nomes, o local onde trabalhavam e onde residiam. Ambos os casos seriam de influenza de

²³ Notícias Marítimas: O "Piahuy". *Jornal do Recife*. Recife, 25 set. 1918, ano 61, n. 264, p. 2.

²⁴ Os doentes a bordo do "Piahuy". *Jornal do Recife*. Recife, 27 set. 1918, ano 61, n. 266, p. 2.

²⁵ Notícias Marítimas: O "Demerara". *Jornal do Recife*. Recife, 10 set. 1918, ano 61, n. 249, p. 2.

“infecção intestinal”²⁶, e a causa seria o péssimo estado sanitário da Recebedoria que trabalhavam²⁷.

Nessa mesma notícia, constou que outras pessoas foram atendidas pelo médico Alfredo Costa. O caso era outro: doentes a bordo do vapor Tabatinga, vindos de Fernando de Noronha. Eles estavam com uma “gripe intestinal”. Nessa perspectiva, ficou implícito que a gripe espanhola estava em Recife, embora pouco se conhecesse dos seus sintomas. No *Diário de Pernambuco*, foi informado que segundo o Diretor de Higiene, a mazela, tanto no caso do vapor Piahuy como no Tabatinga, era a gripe comum, sem motivo para apreensões²⁸, contudo, nada foi dito sobre os enfermos do armazém e das repartições.

Desse modo, inferiu-se que o mal atingiu primeiramente os trabalhadores e recebedores da área e mediações, explodindo por volta do dia 25 de setembro, expandindo para o bairro do Recife, como se observou no jornal e no registro de Freitas (1918, p. 6). A partir desse momento, começou uma cobrança às autoridades competentes para o extermínio da influenza. A gripe se expandiu: novos casos foram noticiados: no Mercado Público de São José; no Matadouro; “Na freguesia do Recife”; “Nas imediações da Fortaleza do Brum”, tanto empregados como donos de estabelecimentos estavam enfermos, segundo o periódico²⁹.

Um artigo com “Influenza Hespânica” em destaque atestou que, mesmo com todos os reclames, nada ainda tinha sido feito pela Diretoria de Higiene. A epidemia grassava em bairros como: Afogados, Torre, Encruzilhada, Espinheiro, entre outros. Afirmavam:

Não estamos, nestas linhas a fazer política, ao contrário, apenas, por um dever de humanidade aqui dessas colunas estranhemos e condenamos a inércia criminosa desse governo que surdo continua aos pedidos de providências do povo. E enquanto tudo isto acontece a população do Recife, entregue ao abandono sofre as consequências dessa epidemia que se alastra por toda a cidade³⁰.

Para o *Jornal do Recife*, o Diretor de Higiene Dr. Abelardo Baltar deixava claro que o órgão não estava aparelhado para lidar com o surto ao não aceitar que os doentes vindos a bordo desembarcassem em Pernambuco, mandando, juntamente ao governador de

²⁶ Devido às inseguranças sobre a doença, é comum aparecer no jornal nomes diferentes, quanto a predominância de sintomas, como esse exemplo de uma influenza de “infecção intestinal” ou “gripe intestinal”.

²⁷ A Influenza hespanhola. *Jornal do Recife*. Recife, 29 set. 1918, ano 61, n. 268, p. 2.

²⁸ Varias. *Diário de Pernambuco*. Recife, 30 set. 1918, ano 94, n. 269, p. 3.

²⁹ A Influenza hespanhola: Outros casos. *Jornal do Recife*. Recife, 30 set. 1918, ano 61, n. 269, p. 1; A Influenza hespanhola: Ainda outros casos: Urge uma providência. *Jornal do Recife*. Recife, 01 out. 1918, ano 61, n. 270, p. 1.

³⁰ A Influenza hespanhola. *Jornal do Recife*. Recife, 2 out. 1918, ano 61, n. 271, p.1.

Pernambuco, que fossem levados direto para o Hospital de isolamento, Lazareto de Tamandaré³¹. O inspetor federal dos portos não concordou e começou uma crise política. Baltar cedeu e as pessoas passaram a ser recolhidas no Hospital de Santa Águeda. Como Silva (2018, p. 39) externou, essa atitude da Diretoria mostrou que o poder público estava perdido diante de uma situação nova. Porém, enquanto ficavam nesse impasse, enfermos permaneciam à espera de uma solução, e a gripe avançou, conseqüentemente (Schwarcz; Starling, 2020, p. 75). Desse jeito, os ataques ao jovem Diretor aumentaram por parte do *Jornal do Recife*.

Evidenciando a expansão do fenômeno, noticiando novos casos e afirmando que a Diretoria estava fazendo pouco caso da mazela, uma informação mereceu atenção: o Hospital Pedro II, gerido pela Santa Casa de Misericórdia, recebeu 170 soldados de polícia doentes, mas só aceitou 70, pois não havia mais lugares³². Não se pode negar a posição do *Jornal do Recife*, que atuou nesse momento contra o governo. Entretanto, nem mesmo no *Diario de Pernambuco*, jornal favorável a Manoel Borba, falava-se em medidas sérias para debelar a epidemia. “Conforme publicamos há dias, os riscos do contágio são diminuídos pelos cuidados individuais com as fossas nasais e garganta [...] Em definitiva, um pouco de higiene geral é quanto basta para se evitar o mal”³³. Enquanto o *Jornal do Recife* reclamava uma profilaxia coletiva, no *Diario* se enunciava apenas medidas individuais. A gripe se expandia e ainda era vista como “benigna” por ambos, pois não havia casos fatais até o momento.

No dia 4, foi publicada a primeira morte por “gripe espanhola” no Recife. Francisco de Oliveira faleceu, mas o médico que lhe visitou anteriormente não notou nenhuma gravidade no seu quadro³⁴. Esse acontecimento mudou o pensamento do periódico, que agora não mais acreditava nessa benignidade da influenza. O jornal também trouxe novos casos e uma receita caseira do “Espírito Caridoso”, mostrando que a primeira forma de prevenção divulgada não veio dos médicos. Essas receitas apareciam em outras folhas, como no *Diario de Pernambuco*³⁵. Desse modo, em meio a inércia da Diretoria de Higiene, as pessoas apelavam para as receitas caseiras, na tentativa de prevenir e curar uma doença que não conheciam. Como foi dito, a medicina alternativa esteve muito presente durante o ocorrido, sendo possível observar nesta notícia.

³¹ O Dr. Abelardo Baltar “Versus” Dr. Pereira de Lya. *Jornal do Recife*. Recife, 3 out. 1918, ano 61, n. 272, p. 1.

³² A Influenza: Novos casos. *Jornal do Recife*. Recife, 3 out. 1918, ano 61, n. 272, p. 3.

³³ A Influenza hespanhola. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 out. 1918, ano 94, n. 277, p. 1.

³⁴ A Influenza hespanhola. *Jornal do Recife*. Recife, 4 out. 1918, ano 61, n. 273, p. 1.

³⁵ A gripe hespanhola. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 out. 1918, ano 94, n. 273, p. 3.

O número de enfermos pela peste chegou a 4.000³⁶. Ainda nesse artigo, falou-se muito sobre a influenza, inclusive foi trazida uma entrevista com o Dr. João Costa, médico higienista que, segundo o periódico, não tinha qualquer relação com a Diretoria de Higiene, nem com o governo. Durante o diálogo, o profissional afirmou que Recife estava sim sob um “surto epidêmico”. Falou que a forma de contágio era o contato direto, “pela tosse, pela própria conversação do doente, pela saliva que pode saltar, pelo lenço, pelo travesseiro, pelas roupas de cama, pelo guardanapo”. Também pontuou não haver medicação específica e trouxe, à pedidos dos entrevistadores, diversos “princípios profiláticos” para a população, como: “Evitar o mais possível, a permanência em lugares públicos onde haja aglomeração, especialmente no interior de habitações pouco ou nada sujeitas à ventilação constante”. Como os outros higienistas da época, ele acreditava que as habitações pouco arejadas, onde residiam muitas pessoas aglomeradas, eram um agravante de sujeição à moléstia.

O *Jornal* informou e criticou o funcionamento das farmácias: apenas uma em cada bairro, segundo ordens do prefeito Moraes Rego, devido à Lei de Fechamento do Comércio. Em um momento complicado como o que se atravessava, no qual a demanda por medicamentos era alta, seria dever de humanidade abrir os estabelecimentos. Também nessa matéria, o jornal falou sobre a Diretoria Geral de Saúde Pública, a qual afirmou ter a enfermidade as características da que atacou a “Hespanha”, e esta era transmitida pelo ar. O jornal cobrou das autoridades a desinfecção dos espaços. Nesse caso, a única profilaxia seria evitar aglomeração nos locais fechados³⁷.

Nessa circunstância, o periódico apresentou a primeira medida concreta tomada pela Diretoria de Higiene quanto a influenza³⁸, que também é publicada no *Diario de Pernambuco*³⁹. Aquele afirmou que só aconteceu porque o Dr. Abelardo Baltar foi infectado com a doença⁴⁰. Embora tenha parabenizado a Diretoria de Higiene por finalmente tomar providências, questionou a eficácia do que fora decidido: os doentes deveriam deixar seus nomes e endereços na secretaria da Diretoria de Higiene, que funcionava de 6 às 20h. “Não seria melhor, entretanto, que fossem instalados vários postos de socorros nos principais pontos da cidade e dos subúrbios?” Segundo o jornal, isso facilitaria a vida das pessoas que

³⁶ A Influenza hespanhola. *Jornal do Recife*, 6 out. 1918, ano 61, n. 275, p. 2.

³⁷ A Influenza hespanhola continua em sua faina terrível. *Jornal do Recife*. Recife, 7 out. 1918, ano 61, n. 276, p. 1.

³⁸ A Influenza hespanhola. *Jornal do Recife*. Recife, 9 out. 1918, ano 61, n. 278, p. 1.

³⁹ A Influenza hespanhola. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 out. 1918, ano 94, n. 279, p. 2.

⁴⁰ Essa é uma informação que o jornal vem publicando em outras edições.

moravam mais longe do local. Além disso, a Higiene poderia postergar os atendimentos, visto que a demanda era grande.

O reconhecimento da epidemia demorou para acontecer. Em um editorial, há a sua admissão e é afirmado que as medidas profiláticas colocadas de nada serviam nesse momento. A Diretoria de Higiene não teria tido atitude quando os vapores com pessoas infectadas chegaram no porto. Assim, a doença entrou com mais facilidade. Era preciso desinfetar todos os lugares que tivessem casos da moléstia e, ainda, mandar socorrer os pobres que adoeciam. “Nomeie o governo os médicos, crie postos de socorro”⁴¹. O jornal, além de cobrar, parecia dar conselhos para que os poderes competentes pudessem tratar os acometidos pela moléstia e combatê-la.

Com o chefe doente, o órgão ficou, temporariamente, a cargo do Dr. Alfredo de Medeiros, delegado de saúde. Ele pediu ao líder da polícia, Antonio Guimarães, que fechasse todas as casas de diversões existentes na capital por alguns dias. Também o prefeito da cidade Moraes Rego ordenou a suspensão do ano letivo das escolas, não raro os casos de estudantes e funcionários doentes, bem como os reclames da folha em questão. E a Diretoria, além de ter um lugar específico para as pessoas “reconhecidamente pobres” irem pedir auxílio, pôs um serviço à domicílio, no qual os médicos dariam receitas e medicamentos⁴². Todos os dias, passou a ser publicado os nomes dos escalados e os horários de expediente. Logo, o *Jornal do Recife* reconheceu que, muito embora tardias, essas medidas melhoraram a situação da população.

Em contrapartida, na mesma folha, trouxe o aumento de mortes por influenza, registrado em uma visita que um enviado fez ao Cemitério de Santo Amaro⁴³: 41 pessoas tinham dado entrada no cemitério, pelo menos até as 14 horas do dia 10. No necrotério, 9 cadáveres estavam em depósito. Além disso, foi constatado que no dia 7 faleceram 17 pessoas, sendo 4 delas de gripe intestinal, 6 de gripe, 1 de “influenza endêmica” e 6 de “moléstia indeterminada”, que, na visão do periódico, seria a influenza. Essas informações, mesmo confusas, vieram como um alerta para a população de que a doença não era mais benigna, ela estava ceifando vidas. Moraes Rego, nesse caso, deveria proibir os acompanhamentos aos enterros, principalmente de crianças.

⁴¹ A Higiene do Estado. *Jornal do Recife*. Recife, 10 out. 1918, ano 61, n. 279, p. 1.

⁴² A Influenza hespanhola. *Jornal do Recife*. Recife, 10 out. 1918, ano 61, n.279, p. 1.

⁴³ Criado em 1851, era o maior e mais tradicional cemitério de Pernambuco.

Por consequência, Recife paralisou. Era informado os comércios que não abriam para evitar uma maior propagação do contágio, ou porque simplesmente seus funcionários estavam doentes ou tinham falecido. Além de falar desses estabelecimentos, também havia informações sobre os serviços prestados, como o tráfego de bondes que suspendeu as funções auxiliares, mantendo apenas as principais até onde fosse possível, devido ao flagelo ter afligido a maioria dos empregados da Pernambuco Tramways⁴⁴. Ou o funcionamento dos Correios que ficou limitado⁴⁵. Se falava sobre médicos adoecidos, membros dessa folha e de outras, que estavam enfermos, o que dificultava o trabalho que se realizava. Ademais, o visual de Recife também chamara atenção em muitas notícias: “o aspecto da cidade continua a ser o mais sombrio possível, reinando em toda a gente a mais infinda tristeza”. E prosseguia dizendo: “toda a vida da cidade se encontra quase que paralisada, não havendo nenhum movimento nos armazéns, estabelecimentos públicos federais e estaduais”⁴⁶.

No dia 11, se manifestou um artigo intitulado “A carestia de vida”. Esse, que apareceu também em outras edições, falava sobre as condições de fome que a população vivia, devido aos preços exorbitantes dos gêneros alimentícios, cujo Dr. João Firmino Correia de Araujo, delegado do Comissariado de Alimentação, nada fazia para baratear a vida desse povo. É válido salientar que a carestia não era exclusividade de Recife nesse momento, advinha de situações externas, como os problemas de importação ocasionados com a Primeira Guerra. A questão é que, algo precisava ser feito para minimizar os impactos que os mais desfavorecidos sofriam. O povo tinha de lutar com a peste e com a fome⁴⁷.

Analogamente, praticamente todos os dias, publicavam os atendidos pela Assistência Pública, serviço responsável por socorrer os combalidos e levar aos hospitais públicos. No dia 12, anunciaram as dificuldades pelas quais estava passando, posto que poucos profissionais estavam atuando, sendo um médico, um chauffer e dois enfermeiros. Conforme foi colocado, Manoel Borba sabia os obstáculos dessa ação e nada fazia porque esse tinha sido um dos métodos que realçaram a administração do seu antecessor. No mesmo noticiário, sinalizou a necessidade de instalar pontos para socorrer a população pobre em locais como Cordeiro, Várzea, Afogados, entre outros, que precisavam de uma maior atenção porque estavam mais sujeitos à ameaça, a qual já grassava com intensidade⁴⁸.

⁴⁴ A Influenza hespanhola: O tráfego de bonds. Jornal do Recife. Recife, 10 out. 1918, ano 61, n. 279, p. 1.

⁴⁵ Administração dos Correios. Jornal do Recife. Recife, 12 out. 1918, ano 61, n. 281, p. 2.

⁴⁶ A Influenza hespanhola. Jornal do Recife. Recife, 11 out. 1918, ano 61, n. 280, p. 1.

⁴⁷ A Carestia de vida. Jornal do Recife. Recife, 11 out. 1918, ano 61, n. 280, p. 1.

⁴⁸ A Influenza hespanhola. Jornal do Recife. Recife, 12 out. 1918, ano 61, n. 281, p. 2.

Nessa mesma edição, foi afirmado que a Diretoria ocultava o número de mortos. Segundo o que foi apurado, até as 16 horas do dia 11 de outubro, teriam sido sepultados, no cemitério do subúrbio de Arrayal, 58 pessoas, vítimas da peste. Já no Cemitério Santo Amaro, até 17 e meia, já tinha sido dada a sequestração a mais de 90 pessoas. Além disso, a Casa do Agra, principal funerária local, que fazia normalmente três enterros por dia, elevou para dezoito. Eram muitos, tanto para pagantes quanto por caridade. Quanto às demais casas, algumas se negaram ao trabalho porque não possuíam mais material para o fabrico de caixões. Em outras edições, apareciam relatos de carroças levando corpos à luz do dia. A mortandade em Recife era de sobremodo alarmante para quem lia o *Jornal do Recife*.

No editorial publicado no dia 14, eles se colocaram abertamente como “adversários” do governador. Sem embargo, disseram não negar elogios quando Manoel Borba fizesse seu dever. Citaram o caso de 46 cadáveres que ficaram insepultos por 48 horas porque não foram tomadas providências⁴⁹. No artigo, o jornal elogiou a Santa Casa de Misericórdia por fazer muito pelos doentes e só não agir mais por causa do relaxamento do poder público. Na visão do periódico, apenas o Dr. Gouveia de Barros poderia vencer essa enfermidade. O referido cientista era muito bem quisto pelo jornal, pois era pessoa de confiança de Dantas Barreto e, ao que parece, atuou muito bem no combate à varíola e à febre amarela quando foi Inspetor de Higiene, de 1911 a 1916 (Freitas, 1935, p. 291).

Na mesma página, foi informado que o chefe da Higiene havia falecido. “A classe medica de Pernambuco acaba de sofrer, com o desaparecimento de um dos seus ilustres membros, o sr. Dr. Abelardo Baltar, um rude golpe”. Na nota, colocaram-o como “ilustre extinto”. Reconheciam a importância do jovem de 34 anos para o grupo médico do estado. Discorreram sobre sua trajetória acadêmica e profissional. Não houve uma homenagem aos seus feitos durante a epidemia, ainda em curso. Apenas desejaram os pêsames à sua família⁵⁰. Enquanto se publicava o falecimento do referido chefe da saúde pública em Pernambuco, no órgão situacionista, era divulgado um possível declínio da enfermidade⁵¹.

No dia 16, foi questionada a atitude de Manoel Borba de fechar vários comércios ou limitar seus horários e proibir as celebrações eucarísticas, ao passo que mantinha o culto nas igrejas evangélicas, onde se aglomeravam vários crentes. “Semeando a morte em nome da

⁴⁹ Cadáveres insepultos. *Jornal do Recife*. Recife, 14 out. 1918, ano 61, n. 283, p. 1.

⁵⁰ O Dr. Abelardo Baltar. *Jornal do Recife*. Recife, 14 out. 1918, ano 61, n. 283, p. 1.

⁵¹ A Influenza hespanhola. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 out. 1918, ano 94, n. 284, p. 3.

religião que professam, tanto importa?!”⁵² Afirmava-se a hipocrisia por parte do poder público. Apesar de o veículo não ter uma relação explícita com a igreja católica, existia uma interação, sob influência do contexto social, político e religioso. Em 1918, por exemplo, segundo Marroquim, religiosos e religiosas, com o fenômeno epidêmico, teriam ampliado sua atuação nas áreas de pobreza da cidade, distribuindo recursos para assistir essas pessoas necessitadas. Dessa maneira, doações foram realizadas para instituições localizadas nessas áreas, como Várzea, Beberibe, Torre, Afogados, entre outras, nas quais os doentes eram muitos e viviam na miséria, sem o amparo do Estado (Marroquim, 2023, p. 36).

Apesar dessas iniciativas e da relação que o *Jornal do Recife* exercia nesse momento, de ser contra o governo, são poucas as notícias que abordavam ações de caridade feitas por membros da igreja. Citavam mais as instituições regidas pela Santa Casa. Nesse caso, o que encontramos são notas sobre missas para pedir a “proteção de Deus” diante do flagelo e informações sobre eventos que não puderam ser executados devido às aglomerações, que não eram recomendadas pela Higiene. Daí surgiram as reclamações sobre as celebrações dos crentes continuarem ocorrendo, mesmo quando esses ajuntamentos não eram permitidos.

Toda a primeira página da edição do dia 17 tratou unicamente de um assunto: a chegada do novo Inspetor de Higiene, Dr. Octávio de Freitas. O discurso se transformou, nesse segundo momento. Uma certa confiança foi demonstrada, no sentido de acreditar que Freitas faria diferente. As medidas tomadas pelo higienista pareceram agradar à repartição, como desinfetar as ruas e casas, manter os postos, estabelecer as notificações dos casos, fiscalizar farmácias, além de solicitar ao prefeito a proibição de visita aos cemitérios e acompanhamento dos enterros. Muitas dessas medidas eram apelos diários do periódico. Foi afirmado que o novo Inspetor de Higiene teria dito em público que as ações postas no começo, se é que de fato aconteceram, foram fracas e deram como resultado a expansão do mal⁵³.

A partir do dia 18, começou a ser publicado o movimento dos postos de socorros, até o dia 8 de novembro, quando nenhum foi mencionado mais. Tratava-se de uma necessidade apontada pelo jornal em outras edições. Foi observado que enquanto as demandas diminuía ou aumentavam em lugares específicos, os postos eram criados ou suprimidos. Um exemplo seriam as assistências criadas no interior a partir do dia 31 de outubro. Antes dessa data, não

⁵² A Influenza hespanhola. *Jornal do Recife*. Recife, 16 out. 1918, ano 61, n. 285, p. 1.

⁵³ O novo inspetor de Hygiene. *Jornal do Recife*. Recife, 17 out. 1918, ano 61, n. 286, p. 1.

se falava em espaços para socorrer essa população. No estado todo e, principalmente, no município, foram assistidos inicialmente, Afogados; Caxangá; Torre; Cordeiro; Santo Antônio; Boa Vista; Rua Imperial; Jaboatão; Tigipió; Arrayal; Arruda; Santo Amaro; Poço e Encruzilhada. Posteriormente, Ipojuca; Rio Branco; Victoria; Gameleira e Ribeirão; Caruaru; Paulista; Igarassu; Nova Cruz; Itapissuma e Goyana. Por último, Fernando de Noronha; Barreiros; Catende e Joaquim Nabuco.

Já no *Diario de Pernambuco*, os postos começaram a funcionar naquela edição do dia 15 de outubro, ainda na antiga gestão. Em menor quantidade, todavia, a existência era confirmada. Os locais eram Ilha do Pina, Arruda, Afogados, Cordeiro e Encruzilhada. O que nos revelou serem aqueles iniciados na nova gestão, uma continuidade dos feitos da Higiene anterior. Assim, é notório, ao menos no noticiário diário, como na gestão de Octávio de Freitas, o *Jornal do Recife* teve mais acesso às disposições de combate à pestilência do que na de Abelardo Baltar. No período de Baltar, apareciam mais críticas ao médico e ao governo do que informações a respeito de debelar a crise sanitária que se atravessava. Pouco se falava em deliberações do mesmo, muito embora ele fosse uma figura de autoridade. Para quem lia o referido jornal, o doutor estava inerte à enfermidade, antes mesmo de adoecer.

O médico sucessor, logo que assumiu o cargo, pediu que fosse enviado para a folha diariamente a relação dos óbitos por influenza. Muito embora obtivesse, por certo tempo, um lugar de prestígio no periódico, comparado ao antigo Diretor, ele passou a receber críticas também. De início, houve uma cobrança em relação ao número de mortos registrados e disponibilizados, pois não correspondiam aos enterros ocorridos no Cemitério Santo Amaro⁵⁴. Esse problema não era novo. Em contrapartida, o jornal entendeu como uma “quebra de confiança” de Freitas, que prometeu verificar esses falecimentos diariamente.

Além disso, havia também uma adversidade nova. Inúmeros médicos colocavam no atestado de óbito a causa como doença “indeterminada”. “Então, o que parece é que entre nós está a grassar uma outra epidemia desconhecida ou os médicos isto o fazem afim de atenuar a situação do governo que é a pior possível”. Nesse contexto, para a imprensa, a indeterminação da enfermidade poderia ser uma outra forma de ocultar as mortes por influenza hespanhola. A população estaria à espera de uma posição de Octávio de Freitas quanto a isso.

⁵⁴ A Influenza hespanhola: O caso dos óbitos. *Jornal do Recife*. Recife, 20 out, 1918, ano 61, n. 289, p. 1.

Em contrapartida, as notícias sobre o declínio da gripe começaram a aparecer. No dia 21, o jornal concedeu a Octávio de Freitas os méritos pelo declínio da doença, pois ocorreu por conta de suas medidas postas. Corroborou com isso as informações sobre colégios e escolas que voltariam a funcionar. O caso do Ginásio Ayres Gama, que estava desde o dia 16 fechado e recomeçou as aulas no dia 21. Depois várias outras escolas e cinemas foram desinfetados. Havia notícias das vidas ceifadas, contudo; afirmavam: “as epidemias, como essa, aparecem, atingem rapidamente a todos aqueles que, pelas suas condições, estão aptos para recebê-la, chegam ao seu fastígio e logo começam a declinar”⁵⁵. No dia 23, o *Diario* mencionou novamente o declínio da hespanhola, advindo das diligências do Diretor. Vários casos que continuavam impressionando seriam de *typho*, um outro flagelo que Manoel Borba teria trazido, e não da epidemia reinante⁵⁶. Essa estava sendo muito bem combatida pelo ilustre higienista.

No dia 28, a “tanatomorbia” surgiu novamente. Tratou-se de uma entrevista com o Doutor Gouveia de Barros acerca do termo. O argumento dele foi que a palavra era um neologismo criado pelo Dr. Ascanio Peixoto, pois, no governo, tendo em vista o bem-estar da coletividade, há uma organização sanitária e uma organização policial. “O primeiro é o preposto da defesa da saúde pública e o segundo resume a garantia da ordem, da vida e da propriedade”. A organização de um serviço médico legal seria importante para a verificação dos óbitos. Todavia, em Pernambuco e, especificamente, no Recife, esse sistema era falho e muitas pessoas que morriam sem assistência não tinham a causa definida da sua morte. A tanatomorbia era uma consequência. Gouveia de Barros ainda pontuou ser contra esse diagnóstico e discorreu sobre mandar inspetores sanitários aos necrotérios para verificar a causa das mortes, para não haver “desgostos no combate às moléstias”⁵⁷.

Nesse tocante, no artigo intitulado “A estatística da epidemia”, é questionado como uma doença poderia matar mais que o mal em curso, porque era isso o que dizia alguns números divulgados. Na perspectiva do periódico, o nome “molestia indeterminada” não teria problema algum; não obstante, nesse contexto, era um absurdo. A tanatomorbia seria, então, a própria “peste” atual. Apesar desse argumento não ser novidade, algo que Starling e Schwarcz (2020, p. 73) inclusive debateram, isso não podia ser confirmado. Não obstante, se alinhava aos casos suspeitos da espanhola, como Freitas (1918, p. 10) apresentou em seu relatório. Não

⁵⁵ A Influenza hespanhola. Jornal do Recife, Recife, 21 out, 1918, ano 61, n. 290, p. 2.

⁵⁶ A Influenza hespanhola. Jornal do Recife. Recife, 23 out. 1918, ano 61, n. 292, p. 1.

⁵⁷ A Influenza hespanhola. Jornal do Recife. Recife, 28 out. 1918 ano 61, n. 297, p. 1.

afirmou serem esses casos a própria enfermidade da vez e sim a possibilidade disso. Não estando em nenhuma outra cidade, o termo foi exclusividade de Recife e com certeza dificultou os cálculos da mortalidade na capital. O gráfico a seguir tratou da relação de óbitos durante o mês de outubro, conforme fora noticiado no *Jornal do Recife*:

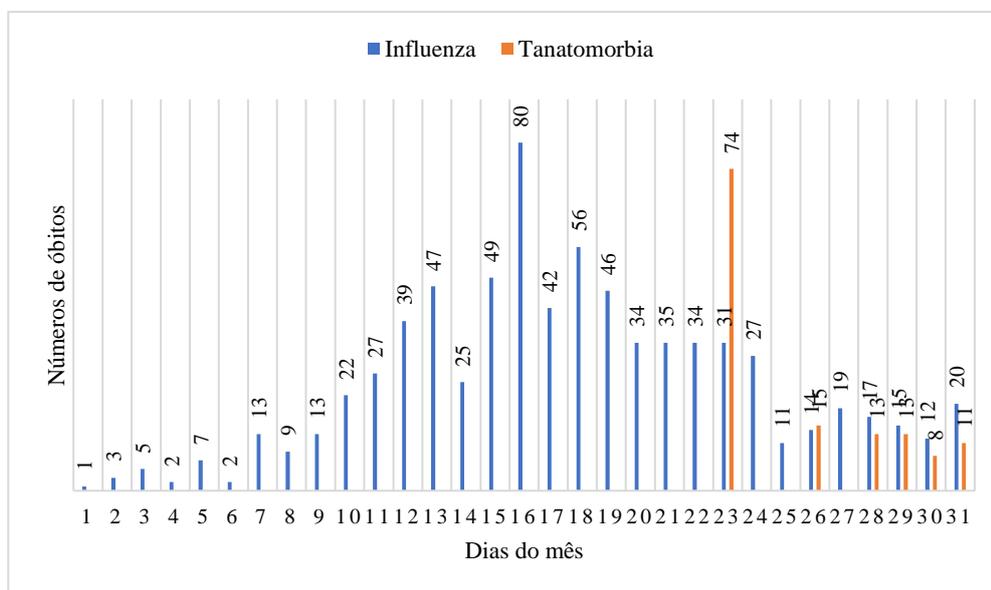


Gráfico 1 – Compilado dos óbitos por Influenza, publicados no *Jornal do Recife* em outubro de 1918.

Nesse panorama, no dia 16, 80 mortos foram registrados. Justamente quando o *Diario de Pernambuco* afirmara declínio da peste. A tanatomorbia chamou atenção, visto que apareceu no obituário do *Diario* a partir do dia 23 de setembro. A controvérsia era de que no referido dia, por exemplo, havia 34 óbitos por influenza e 74 por tanatomorbia. Um outro ponto a se considerar é que, somando todos os números postos no gráfico, 893 pessoas morreram em outubro. Já no registro de Freitas (1918, p. 9 e 10), na soma, 1251 faleceram de influenza, considerando todos os cemitérios. Quanto à “molestia que mata”, os médicos da polícia computaram 642. Portanto, há uma incompletude na relação apresentada pelo *Jornal do Recife*, pois mostrou unicamente o total de falecimentos no Cemitério Santo Amaro.

Dessa maneira, Silva (2018, p. 106) pontuou a justificativa do Diretor para a indeterminação do morbo. Os atestados seriam dados porque as pessoas morriam principalmente em suas residências, então os corpos iam direto para o necrotério público. É uma incógnita o motivo dessas declarações não aparecerem antes do dia 23. Uma possível explicação seria que de fato muitos doentes estavam falecendo da nova gripe, sem nenhum tipo de assistência. Logo, passaram a ser identificados dessa forma para que ao menos estivessem nas estatísticas, que, inclusive, apareceriam no relatório de Freitas pouco tempo

depois. Para solucionar o problema de análise dos mortos, ele solicitou um serviço de verificação de óbitos, que só foi posto em prática bem depois, em 1925.

Iniciando o terceiro e último momento, no dia 30, é comunicado que em uma carta dirigida à repartição, o doutor condenava a tanatomorbia. Freitas, com tal característica do ilustre Doutor Gouveia de Barros, era um homem de bem, uma vez que ambos reprovavam o procedimento dos médicos da polícia. E Manoel Borba, “se não fosse a negação da verdade”, teria autorizado as mudanças no serviço médico legal⁵⁸. No dia 31, há um alerta ao Inspetor. Algumas enfermidades estavam grassando em outros países e podiam chegar a Pernambuco, como a influenza, a qual irrompeu no estado devido ao descaso da Higiene e do governo. Era preciso um exame rigoroso da Saúde dos Portos, que não permitisse a entrada de todos os navios. O *cholera morbus* já era uma ameaça na Europa e precisava se evitar que fosse nessas terras também⁵⁹. Nessa parte, foi constatada quase uma extinção da pestilência e, agora, o olhar deveria se dirigir a outras possíveis enfermidades.

É válido pontuar que, em novembro, no dia 1, dissertou acerca do retorno gradativo à “normalidade”. Em Recife, estavam “voltando todos ao trabalho, cessando assim o pânico que por tanto tempo, dominou esta cidade, dando-lhe um aspecto lugubre e aterrador”. Afirmou o grande impacto sofrido na cidade, no qual várias pessoas perderam entes queridos, adoeceram ou morreram, devido à recusa do governador em tomar providências em favor da população. O jornal assinalou que pelo menos 2000 pessoas foram sepultadas no Cemitério Santo Amaro. Entretanto, não iriam hesitar em dizer que a mazela foi vencida⁶⁰. Jamais por Manoel Borba e sim pelo Diretor.

No mesmo dia, o *Diario de Pernambuco* também refletiu acerca da doença que passou por Recife, principalmente os responsáveis pelo seu começo. Para o órgão oficial do governo, a Saúde do Porto, órgão federal, sem tomar qualquer precaução, introduziu os primeiros doentes no município, pelo *Piahuy*⁶¹. Em seu relatório, Freitas (1918, p. 6), traz a mesma teoria. O governo não seria incumbido dessa culpa e sim quem permitiu que os navios aportassem aqui.

⁵⁸ Tanatomorbia. Jornal do Recife. Recife, 31 out. 1918 ano 61, n. 299, p. 1.

⁵⁹ Ao Dr. Octavio de Freitas. Jornal do Recife. Recife, 31 out. 1918, ano 61, n. 300, p. 1.

⁶⁰ Tranquilise-se o povo. Jornal do Recife. Recife, 1 nov. 1918, ano 61, n. 301, p. 1.

⁶¹ Varias. Diário de Pernambuco. Recife, 1 nov. 1918, ano 94, n. 301, p. 3.

No dia 2, em “Sargetas infectas”, o jornal discorreu sobre o estado sanitário da capital, cuja questão preocupava ainda o povo. O declínio estava ocorrendo, porém, existia um receio do morbo retornar e essas condições péssimas possibilitavam a volta⁶². Durante toda a cobertura da ocorrência, foram feitos pedidos diários para a Higiene verificar “focos de infecções” em ruas ou em casas. Os moradores enviavam essas denúncias e eles publicavam.

Além dessas adversidades em relação à situação sanitária, outras questões sucederam. No dia 6, houve a publicação de um apelo aos redatores, feito por um residente acerca de uma família de 8 pessoas acometida com influenza, carente de assistência e recursos, precisando de um atendimento a domicílio que lhes foi negado, por nesse momento não haver mais essa modalidade. As medidas foram diminuindo à medida em que não eram mais solicitadas; não obstante, existiam casos como esse que recebiam a devida atenção do periódico. Segue um trecho da mensagem:

Um cavalheiro, condoído da situação aflictiva em que se encontram essas pessoas, srs. redactores, sem mais demora foi à delegacia de saúde expor o que testemunhara e ver se podia obter a visita domiciliar, que a gravidade do caso estava a pedir. Na delegacia entendeu se com o distinto clinico dr. Climaco, que lhe declarou estarem extinctas as visitas em domicilio. Se bem que aturdido com semelhante notícia, aquelle facultativo autorizou o cavalheiro referido a trazer os informes dos doentes, para, então, dar-lhes medicamentos. Assim, colhidos taes informes, voltou àquella delegacia, onde não mais estava o dr. Climaco, mas o dr. Vicente Gomes, então presente, promtificou-se a atende-lo. Trouxe, então, os remédios que os enfermos estão em uso desde domingo, 3 do corrente. Mas o estado de fraqueza da pobre senhora e o de seus pequenos filhinhos é de tal natureza, que eu resolvi endereçar-vos estas linhas, afim de que mais enérgicas providencias da parte do ilustrado dr. director de Hygiene, para quem apelo, sejam dadas no sentido de que um medico do serviço sanitário vá à residência daquela desventurada familia, para “de visu”, verificar o estado em que todos se acham⁶³.

Quando o evento vai se tornando um passado próximo, outras doenças viram pauta, como a varíola. No dia 13, é pedido que o Diretor investigue possíveis casos, posto que começava a ressurgir a moléstia na localidade⁶⁴. Ao que pareceu, a espanhola não era mais tão importante; todavia, por seu resultado, em tão pouco tempo, ela se tornou grande referencial, sendo uma preocupação do jornal e do povo impedir qualquer flagelo que pudesse ter um impacto dessa proporção sobre a sociedade. E quanto ao obituário no mês de novembro, continuou a ser publicado, ainda que sem muita expressão. Os números, conforme expostos,

⁶² A Influenza hespanhola: Sargetas infectas. Jornal do Recife. Recife, 2 nov. 1918, ano 61, n. 302, p. 1.

⁶³ Um Appelo. Jornal do Recife. Recife, 6 nov. 1918, ano 61, n. 306, p. 2.

⁶⁴ A varíola nesta capital? Um apelo ao Dr. Octávio de Freitas. Jornal do Recife. Recife, 13 nov. 1918, ano 61, n. 313, p. 1.

não acabaram. Sem embargo, diminuíram bastante. No que pôde ser observado, só houve registros até o dia 13, constando 6 sepultamentos por influenza e 4 por tanatomorbia. Nos demais dias, a influenza surgiu com pouco destaque.

Na medida em que o fenômeno estava sucumbindo na zona urbana, se alastrava agressivamente pelo interior. Freitas precisava trabalhar com afinco para cessá-lo de vez. O que sabemos a respeito do evento no interior aparece em artigos menores noticiados, separados por municípios. Como fora dito mais acima, as assistências foram criadas nessas localidades a partir do dia 31 de outubro, ao passo que as de Recife eram retiradas por não haver mais necessidade, segundo o periódico estudado. Mesmo em 11 de dezembro, numa matéria chamada “Influenza em Bom Conselho”, era constatada uma “ação destruidora” da enfermidade, com uma enorme mortandade e falta de medicamentos⁶⁵. Era contraditório dar o fenômeno como praticamente extinto no estado, já que ela permaneceu nas áreas mais afastadas, pelo menos até meados de dezembro.

A relevância dada a “moléstia que mata” era tanta que o *Jornal do Recife*, que praticamente não trazia imagens ou gravuras com charges durante o período da epidemia, colocou uma, já no declínio da doença, conforme a figura 1. Nela mostra duas caveiras conversando, uma seria a Influenza Hespanhola e a outra a “Tanatomorbia”, a moléstia indeterminada.

Figura 1 – Conversa entre a “Hespanhola” e a “Thanatomorbia”



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira - Fundação Biblioteca Nacional.

⁶⁵ Notas e factos: A Influenza em Bom Conselho. *Jornal do Recife*. Recife, 11 de dez. 1918, ano 61, n. 341, p. 2.

Na interpretação da imagem, vê-se que a Hespanhola se despede chamando a outra de “amiga” e falando que ela foi sua melhor companheira, pedindo-a que não mudasse de nome, pois jamais a esqueceria. Tendo em vista o que tinha sido publicado a respeito, entende-se que esse morbo indeterminado, foi importante aliado para a enfermidade, por ter causado confusão nos casos, prejudicando a sua identificação entre os médicos⁶⁶ e seu enfrentamento, conseqüentemente.

No total, o desempenho no combate à pestilência, de acordo com Freitas (1918), implicou a notificação obrigatória, para que se pudesse identificar os casos, e a mobilização dos médicos funcionários do Estado, em diversas localidades, o que intensificou seus serviços. Além disto, houve a requisição de mais farmacêuticos, e a descentralização das delegacias de saúde, que teria sido de onde surgiram as providências mais sérias, como as visitas à domicílio. Também os falados postos de socorros, a limpeza das ruas, fechamento de casas de diversão, comércios, entre outros estabelecimentos. Ademais, o ilustre higienista declarou que a extinção da epidemia partiu mais dos recursos terapêuticos de profilaxia individual do que das medidas de Higiene. Isso convergia com o que dizia o *Diario de Pernambuco*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, nesse estudo histórico acerca da passagem da epidemia de gripe espanhola na capital pernambucana, sob o olhar do *Jornal do Recife*, o objetivo era apresentar o papel dele, em meio a uma crise coletiva sanitária de forte impacto. O veículo funcionou como importante porta-voz das ações divulgadas pela Higiene, por se tratar de um dos periódicos mais populares no século XX, com um histórico crescente de importância. Na República, permaneceu entrelaçado à política e à intervenção na vida pública.

Para compreender o papel do *Jornal do Recife*, foi preciso algumas considerações. A pandemia, que atingiu o mundo e um país em processo de transformação e modernização dos centros urbanos, não poderia ser pensada fora desse contexto. Recife era uma cidade fundamental no período, por ser local obrigatório de trajeto das embarcações transatlânticas e também sede comercial e financeira do Norte, como posto por Schwarcz e Starling (2020, p. 73). Nessa ótica, pensar o surto no Recife é refletir também sobre ele no Brasil. O que se

⁶⁶ Silhuetas da semana. *Jornal Recife*. Recife, 3 de nov. 1918, ano 61, n. 303, p. 1.

apresentou a respeito foi seu breve caminho em três cidades, sendo-as Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. As duas primeiras, pelo forte ônus que sofreram, e a terceira, por ser portuária e ter características bem semelhantes a Recife no momento. Além disso, refletir o contexto no qual a capital se encontrava, tanto sanitário quanto de infraestrutura, de transformações em vários sentidos, foi essencial para abarcar como Recife recebeu uma nova doença e lidou com ela, tanto a sociedade como órgãos de autoridade pública, médica e a mídia.

Nesse caso específico, o *Jornal do Recife*, dado que outras pesquisas utilizaram veículos também de destaque. Tendo em vista essa visão do meio de comunicação não ser neutro, nem apenas divulgar informações, mas estar inserido no momento histórico, todo jornal pode ser uma fonte de registro, informação e conhecimento. A análise possibilitou abarcar particularidades do periódico escolhido, cujo posicionamento político orientava sua escrita. Nesse sentido, buscou-se entender a importância dada à saúde e ao fenômeno no noticiário do diário e a forma como abordou a passagem do flagelo por Recife.

O cenário de modernização, já discutido, incluía a mídia, que buscava também seu avanço para o progresso. E esse, como citado, defendia o papel dos médicos higienistas que se firmavam no saneamento das cidades em prol de um bem público. A ação do *Jornal* durante o fenômeno evidenciou a sua posição no contexto político e também de confiança à medicina oficial. Apesar de ter uma linguagem que dialogava com o povo e se colocar como defensor das classes mais pobres, sobretudo, a classe trabalhadora, o diário embasava seus textos de acordo com seus interesses.

Seu lugar de oposição ao governo de Manoel Borba e de fidelidade a Dantas Barreto fora marcado por um noticiário cheio de opinião. Dividimos essa análise em três momentos. A chegada do flagelo com as notícias e as primeiras medidas postas; a atuação do jornal com a mudança do Diretor; e, por último, o declínio da espanhola na visão do periódico. Nesses momentos iniciais, havia críticas contundentes ao Dr. Abelardo Baltar, ao governo do estado e ao prefeito de Recife. Na perspectiva que se apresentava, eles eram inertes. As únicas medidas concretas que apareceram foram os serviços à domicílio e o da Diretoria, no qual as pessoas deveriam levar seus nomes e esperar por auxílio. Tudo o que se publicava vinha acompanhado de desaprovação e insatisfação.

No segundo momento, houve mudança. Com a chegada do Doutor Octávio de Freitas, nome de prestígio dessa “medicina científica”, do higienismo que fundamentava as reformas

sanitárias em curso, a posição do diário se tornou mais conciliatória. Foram mantidas as reprovações ao governo; todavia, Freitas recebeu grande respeito. Foi visto como um “salvador”. As medidas tomadas por Freitas foram exaustivamente divulgadas, todos os dias. Postos de socorros, distribuição de medicamentos, obituários, serviço de desinfecção das ruas, serviço à domicílio, proibição de acompanhamento nos enterros. Todas as medidas que antes não tinham aparecido no noticiário e eram diariamente pedidas.

Desse modo, as críticas recebidas tratavam-se de questionamentos, não de rejeição. Nessa circunstância, ele era visto como importante autoridade, então sua palavra sempre valia. Muito embora Silva (2018, p. 107) tenha afirmado que as ações de Freitas não diferiram muito das de seu antecessor, seguindo o que já tinha sido colocado em prática antes, no *Jornal do Recife*, somente na administração do sucessor, houve diligências eficazes para cessar a mazela. E quando acessamos o relatório dele, menções a condutas anteriores ao seu trabalho inexistem.

No caso da tanatomorbia, teria sido uma das únicas situações em que o jornal pressionou de fato Octávio de Freitas, cobrando uma explicação sobre esses casos de causas incertas. Contudo, rapidamente entendeu que o médico aceitou o procedimento pela força das circunstâncias e nunca compactuou com os métodos aplicados. Essa seria uma mentira criada por Manoel Borba, para encobrir o número de mortos, e nada tinha a ver com a Diretoria.

No último momento, o declínio da doença foi apresentado de forma lenta. Conforme o número de mortes diminuía, os estabelecimentos voltavam a funcionar, as ruas retornavam ao seu movimento, começava a ser falado sobre a eficácia das ações de Freitas. Nessa perspectiva, os problemas encontrados tinham sido deixados pelo antigo Diretor e eram culpa do governo, posto que não angariava recursos. Afirmavam, inclusive, que os óbitos ainda existentes, não eram da influenza e sim de outras enfermidades trazidas anteriormente.

Dessa forma, o *Jornal do Recife*, assumiu o lugar de uma fonte de informação enviesada. No entanto, seria uma perspectiva limitada dizer que foi apenas isso. Para além de comunicar, criticar e atacar o poder público, o jornal expôs as problemáticas em torno do evento epidêmico. Expôs questões que poderiam estar negligenciadas no órgão governista. Eles publicavam, diariamente, desde o início, nomes de pessoas “comuns” adoecidas ou vitimadas pelo mal, advindas de vários pontos da capital, sobretudo; funcionários dos estabelecimentos e dos serviços, como o caso dos trabalhadores do porto e das recebedorias, os primeiros atingidos.

Quando houve a expansão do fenômeno, expuseram os bairros mais necessitados de assistência, por residir neles uma população vulnerável. Eles cobravam os postos de socorros, principalmente nesses locais, onde afirmavam a intensidade da enfermidade e a dificuldade dessas pessoas se deslocarem para a Higiene; divulgavam os apelos dos moradores para que se lançasse o olhar sobre áreas necessitadas de desinfecção; expuseram o mau funcionamento do sistema, ao expor as falhas da Assistência Pública, com escassez de médicos; os cadáveres de gente que não foi assistida nem viva, nem morta; os pedidos dos leitores para que fossem verificados casos de enfermos ainda não amparados.

Além dessas, outras questões surgiram, como a “moléstia indeterminada”. Eles enviavam profissionais para buscar as notícias. E assim descobriram que os números de óbitos nos cemitérios não correspondiam aos oficiais. Seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, somente quando foi questionado, o Diretor de Higiene prestou satisfações a respeito dessas mortes que não tinham causa certa. Anteriormente, nada havia sido falado. Essa imprensa de oposição, tinha a característica de não minimizar, nem ocultar as contrariedades que surgiram durante o surto epidêmico, ainda que obtivesse o seu posicionamento na história.

Portanto, esse trabalho teve a intenção de retirar o Jornal do Recife da obscuridade, o enxergando como um veículo de grande relevância e representatividade para o período estudado, revelando nuances e particulares do momento estudado, por meio do periódico. A análise realizada utilizando a fonte principal e os demais textos, destaca que a mídia não só informa, mas molda convicções públicas e assume um papel de agente ativo na construção de discursos acerca de saúde pública e crise sanitária. Assim, se procurou enriquecer os estudos que relacionam mídia e saúde, enfatizando como esses registros documentais são valiosos para refletirmos acerca de assuntos atuais na sociedade no que compete a comunicação em tempos de crise.

REFERÊNCIAS

JORNAIS

Outras notícias do estrangeiro. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 jun. 1918, ano 34, n. 12315, p. 3. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_04&pasta=ano%20191&pesq=estrangeiro&pagfis=39335. Acesso em: 25 de julho 2023.

A Influenza está devastando a Bélgica. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 7 ago. 1918, ano 18, n. 7102, p. 1. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano%20191&pesq=B%C3%A9lgica&pagfis=36252. Acesso em: 25 de julho de 2023.

Na Bélgica: A Influenza na Bélgica. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 ago. 1918, ano 18, n. 217, p. 5. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&Pesq=%22NA%20BELGICA%22&pagfis=42347. Acesso em: 25 de julho de 2023.

Telegrammas Ultima Hora. **Jornal do Recife**. Recife, 16 set. 1918, ano 64, n. 255, p. 2. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75508>. Acesso em: 1 de agosto de 2023.

Despedida. **Jornal do Recife**. Recife, 1 abr. 1887, ano 30, n. 74, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=24984>. Acesso em: 28 de julho de 2023.

A lei de abolição. **Jornal do Recife**. Recife, 17 mai. 1888, ano 31, n. 111, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=26395>. Acesso em: 28 de julho de 2023.

Ao público. **Jornal do Recife**. Recife, 1 jan. 1890, ano 33, n. 1, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=27851>. Acesso em: 28 de julho de 2023.

O Sr. Dr. Sigismundo. **Jornal do Recife**. Recife, 9 jul. 1893, ano 36, n. 153, p. 2. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=31177>. Acesso em: 2 de agosto de 2023.

Cotas. **Jornal do Recife**. Recife. 9 abr. 1912, ano 61, n. 96, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=56947>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

Notícias Marítimas: O "Piahuy". **Jornal do Recife**. Recife, 25 set. 1918, ano 61, n. 264, p. 2. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75578>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

Os doentes a bordo do "Piahuy. **Jornal do Recife**. Recife, 27 set. 1918, ano 61, n. 266, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75594>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

Notícias Marítimas: O "Demerara". **Jornal do Recife**. Recife, 10 set. 1918, ano 61, n. 249, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75458>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 29 set. 1918, ano 61, n. 268, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75608>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

Varias. **Diario de Pernambuco**. Recife, 30 set. 1918, ano 94, n. 269, p. 3. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&pagfis=18191. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola: Outros casos. **Jornal do Recife**. Recife, 30 set. 1918, ano 61, n. 269, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75617>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola: Ainda outros casos: Urge uma providência. **Jornal do Recife**. Recife, 01 out. 1918, ano 61, n. 270, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75623>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 02 out. 1918, ano 61, n. 271, p.1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75631>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

O Dr. Abelardo Baltar "Versus" Dr. Pereira de Lya. **Jornal do Recife**. Recife, 3 out. 1918, ano 61, n. 272, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75637>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

A Influenza: Novos casos. **Jornal do Recife**. Recife, 3 out. 1918, ano 61, n. 272, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75639>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Diario de Pernambuco**. Recife, 8 out. 1918, ano 94, n. 277, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75677>. Acesso em: 16 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 4 out. 1918, ano 61, n. 273, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75647>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

A gripe hespanhola. **Diario de Pernambuco**. Recife, 4 out. 1918, ano 94, n. 273, p. 3.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75649>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 6 out. 1918, ano 61, n. 275, p. 2.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75662>. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola continua em sua faina terrivel. **Jornal do Recife**. Recife, 7 out. 1918, ano 61, n. 276, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75671>. Acesso em: 18 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 9 out. 1918, ano 61, n. 278, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75685>. Acesso em: 18 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Diario de Pernambuco**. Recife, 10 out. 1918, ano 94, n. 279, p. 2.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&pagfis=18270. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

A Hygiene do Estado. **Jornal do Recife**. Recife, 10 out. 1918, ano 61, n. 279, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75691>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 10 out. 1918, ano 61, n.279, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75691>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola: O tráfico de bonds. **Jornal do Recife**. Recife, 10 out. 1918, ano 61, n. 279, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75691>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

Administração dos Correios. **Jornal do Recife**. Recife, 12 out. 1918, ano 61, n. 281, p. 2.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75706>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 11 out. 1918, ano 61, n. 280, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75699>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

A Carestia de vida. **Jornal do Recife**. Recife, 11 out. 1918, ano 61, n. 280, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75699>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 12 out. 1918, ano 61, n. 281, p. 2.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75706>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

Cadáveres insepultos. **Jornal do Recife**. Recife, 14 out. 1918, ano 61, n. 283, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75723>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

O Dr. Abelardo Baltar. **Jornal do Recife**. Recife, 14 out. 1918, ano 61, n. 283, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75723>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 out. 1918, ano 94, n. 284, p. 3.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&pagfis=18311. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 16 out. 1918, ano 61, n. 285, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75737>. Acesso em: 27 de agosto de 2023.

O novo inspetor de Hygiene. **Jornal do Recife**. Recife, 17 out. 1918, ano 61, n. 286, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&Pesq=publico&pagfis=75743>. Acesso em: 27 de agosto de 2023.

A Influenza hespanhola: O caso dos óbitos. **Jornal do Recife**. Recife, 20 out, 1918, ano 61, n. 289, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75763>. Acesso em: 1 de setembro de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 21 out, 1918, ano 61, n. 290, p. 2.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75774>. Acesso em: 1 de setembro de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 23 out. 1918, ano 61, n. 292, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75785>. Acesso em: 4 de setembro de 2023.

A Influenza hespanhola. **Jornal do Recife**. Recife, 28 out. 1918 ano 61, n. 297, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75819>. Acesso em: 10 de setembro de 2023.

Tanatomorbia. **Jornal do Recife**. Recife, 31 out. 1918, ano 61, n. 299, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75833>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

Ao Dr. Octavio de Freitas. **Jornal do Recife**. Recife, 31 out. 1918, ano 61, n. 300, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75839>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

Tranquilise-se o povo. **Jornal do Recife**. Recife, 1 nov. 1918, ano 61, n. 301, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75847>. Acesso em: 16 de setembro de 2023.

A Influenza hespanhola: Sargetas infectas. **Jornal do Recife**. Recife, 2 nov. 1918, ano 61, n. 302, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75853>. Acesso em: 18 de setembro de 2023.

A Influenza hespanhola: Um Appelo. **Jornal do Recife**. Recife, 6 nov. 1918, ano 61, n. 306, p. 2. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75882>. Acesso em: 22 de setembro de 2023.

A varíola nesta capital? Um apelo ao Dr. Octávio de Freitas. **Jornal do Recife**. Recife, 13 nov. 1918, ano 61, n. 313, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75927>. Acesso em: 27 de setembro de 2023.

Notas e factos: A Influenza em Bom Conselho. **Jornal do Recife**. Recife, 11 de dez. 1918, ano 61, n. 341, p. 2. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=76112>. Acesso em: 1 de outubro de 2023.

Silhuetas da semana. **Jornal do Recife**. Recife, 3 de nov. 1918, ano 61, n. 303, p. 1.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20191&pesq=&pagfis=75859>. Acesso em: 19 de setembro de 2023.

MANUSCRITO

FREITAS, O. A. **“influenza” epidêmica em Pernambuco em 1918**. Recife: Imprensa Industrial, 1918.

BIBLIOGRAFIA

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BARROS, A. J. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas: uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, Rio de Janeiro, v. 52, p. 397-419, 2021.

BARRY, John. **A grande gripe**: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos. Tradução: Alexandre Raposo, *et. al.* 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

BERNARDES, Denis. **Recife, o caranguejo e o viaduto**. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

BERTUCCI, L. M. **Influenza, a medicina enferma**: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

BERTUCCI, L. M. Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Fiocruz, Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 143-57, 2005. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0914.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2023.

BLAKE, A. V. A. S. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 5. 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221681#:~:text=Considerada%20a%20melhor%20biografia%20de,primeiras%20sociedades%20liter%C3%A1rias%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 23 de setembro de 2023.

BRASIL, Bruno. **Jornal do Recife**. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-recife/>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

BRITO, N. A. ‘La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro’. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 4, n. 1, p. 11-30, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xsvqJXhWnJRwKBJxsxLfH6v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 de setembro de 2023.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: Cortiços e epidemias na corte imperial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COUCEIRO, Sylvia Costa. **ARTES DE VIVER A CIDADE**: Conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese (Doutorado em História) –

Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7387>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

CROSBY, A. W. **America's Forgotten Pandemic: The Influenza of 1918**. 2 ed. New York: Cambridge, University Press, 2003.

DUARTE, J. L. **MODERNIZAÇÃO DO PORTO E DO BAIRRO DO RECIFE: Impactos causados pelas obras na população da freguesia (1909-1914)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/34141/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20J%C3%B4natas%20Lins%20Duarte.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

ELEUTÉRIO, M. L. Imprensa a serviço do progresso. In: LUCA, T. R; MARTINS, A. L. **História da Imprensa no Brasil** (org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FARIAS, E. A. **Jornalismo à espanhola: Um olhar sobre o noticiário recifense da epidemia de gripe de 1918**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/2931/1/arquivo1869_1.pdf. Acesso em: 20 de julho de 2023.

FARIAS, Rosilene. **O Khamsin do deserto - Cólera e cotidiano no Recife em 1856**. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7314/1/arquivo3331_1.pdf. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

BERTOLLI FILHO, C. **A Gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, O. Histórico das organizações médico-sanitárias em Pernambuco até 1930. **Revista Panamericana de Saúde Pública**. S/L, p. 286-292, 1935.

GOULART, A. C. **Um cenário mefistofélico: A gripe espanhola no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003.

GOULART, A. C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 12, n.1, p.101-42, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Wkqm45R4ptVzTqSpKxJhfRh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

GOUVEIA, B. M. **Escritos e práticas na trajetória do médico Octávio de Freitas no Recife**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/28093>. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

HOCHMAN, Gilberto. **A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MIRANDA, C. A. Um urbanismo excludente: O caso da Capital Federal e do Bairro do Recife no início do século XX. **Revista de pesquisa histórica – CLIO**. Recife, v. 1, n. 20, p.

141-171, 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/24867>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

LUBAMBO, C. W. **O Bairro do Recife**: Entre o Corpo Santo e o Marco Zero. Recife: Fundação De Cultura Cidade do Recife, 1991.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MARROQUIM, Dirceu. Igreja católica, “influenza hespanhola” e áreas de pobreza no Recife – PE (1918). **SAECULUM - Revista de História**. João Pessoa, v. 28, n. 48, p. 25-44, 2023. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:7d1da822-2923-45c4-83fb-71eaf26f7010>. Acesso em: 6 de junho de 2024.

NASCIMENTO, D. R. A doença como objeto da História. In: **As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. p. 25-44.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Vol. II. Imprensa Universitária: Universidade Federal de Pernambuco, 1966.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Vol. III. Imprensa Universitária: Universidade Federal de Pernambuco, 1967.

REZENDE, A. P. **(Des)encantos Modernos**: Histórias da cidade do Recife na década de vinte. 2. ed. Recife: Editora UFPE, 2016.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **A bailarina da morte**: a gripe espanhola no Brasil. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SILVA, A. C. **Recife, uma Cidade Doente**: A Gripe Espanhola no Espaço Urbano de Recife em 1918. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/32740/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Alexandre%20Caetano%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

SILVA, Severino da. **Anotações para uma visão de Pernambuco no início do século XX**. Recife: Editora UFPE, 2018. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/189/198/571>. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

SILVEIRA, A. J. T. A medicina e influenza espanhola de 1918. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 91-105, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/NKD7ySCGFvVHcsMWWVb5cQH/?format=pdf>. Acesso em: 28 de janeiro de 2024.

SOUZA, C. M. C. de. **A gripe espanhola na Bahia**: saúde, política e medicina em tempos de epidemia. 1. ed. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/FIOCRUZ, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/116/3/Gripe%20Espanhola.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

SOUZA, C. M. C. A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 71-99, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fTb86X8wDhnpSkfbgXzsYks/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

UJVARY, S. C. **A História e suas Epidemias**. 2. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Editora Senac, 2003.

UJVARY, S. C. **A História da humanidade contada pelos vírus**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

AGRADECIMENTOS

A essa altura, serei mais uma pessoa falando o óbvio, mas entendo que mesmo o óbvio, precisa ser dito (isso também soa clichê). Eu devo a realização desse trabalho àqueles que acreditaram em mim, quando nem eu conseguia. À minha mãe, que nunca entendeu exatamente de que se tratava minha pesquisa, mas quando me via desesperada sem saber o caminho para seguir, corria, tentava me ajudar e achar uma solução. Alguém que nunca cobrou nada e sempre me deu tudo. Ao meu pai, que, por vezes, queria de mim até o que eu não podia lhe oferecer, como fazer um concurso da polícia. Porém, vibrou a cada conquista que tive.

As minhas grandes amigas, Karol, Lays e Luana, as quais conheci na faculdade e almejo carregar para a vida. Arrisco dizer que, depois de minha mãe, são as pessoas que mais me apoiam. Aos queridos amigos do “Bateu a Britney”, os quais tornaram os percalços dessa graduação, mais suportáveis. Ao meu orientador e aos professores que, de alguma forma, fizeram parte de minha trajetória escolar e acadêmica, até esse momento.

E gostaria de fazer um agradecimento especial a minha vovó Dalila, que não mais posso abraçar e ver no olhar dela o orgulho quando eu me formar, mas guardo toda palavra de ensinamento e carinho que sempre ouvi. Minha voinha, que sempre disse ter mainha me criado muito bem, porque eu era uma menina boa, dedicada, estudiosa. Eu nem sabia se era tudo isso, na prática. No entanto, essas palavras me encorajaram a fazer o melhor por mim e minha mãe. Te amo, vó! Espero que a senhora possa sentir daí o quanto lhe sou grata por tanto, aqui.

“Que o Deus de Misericórdia tenha piedade do povo dessa infeliz e desditosa terra”

(Jornal do Recife, 11/10/1918)